

SAGAETÊ

José de Souza Castro

ÍNDICE

Capítulo I	Em que o autor entra no Palácio e se depara com o presidente discutindo o massacre do dia	3
Capítulo II	No que se chega a um número extraordinário de estrelas, para grande espanto de Tonho	7
Capítulo III	No que o ET aparece pela primeira vez e revela que conhece muito bem os moradores do sítio	11
Capítulo IV	Onde Lucas admite com grande relutância que ser pequeno ajuda na luta pela sobrevivência	16
Capítulo V	Em que se informa que é possível viajar entre os astros a bordo de um planeta em miniatura	21
Capítulo VI	Onde o velho nazista planeja tirar proveito daqueles estranhos tripulantes espaciais	23
Capítulo VII	Em que os homens das cavernas podem ser mais felizes do que os moradores de arranha-céus	29
Capítulo VIII	Em que as pedras brutas se transformam em saborosos pratos da comida típica mineira	34
Capítulo IX	Onde Tonho desaparece misteriosamente momentos antes de embarcar na nave do tio Felício.....	38
Capítulo X	No que o aventureiro inglês é surpreendido em pleno Himalaia por um fantasma hilariante	41
Capítulo XI	Onde Lucas se orgulha e a seguir se revolta com a presença do ipê do Amazonas em Paris	45
Capítulo XII	Em que se produzem lemingues como numa linha de montagem para garantir a vida na tundra	49
Capítulo XIII	No qual os cientistas enfrentam filosoficamente a morte certos de que no mundo nada se perde	54
Capítulo XIV	No qual se encontra um final infeliz para a história de sucesso do Jeca Tatu	58
Capítulo XV	Em que o aparelho da invisibilidade some nas mãos do antigo nazista que logo se transforma em fantasma	64
Capítulo XVI	Em que o autor se convence de que é impossível publicar a reportagem sobre sua mais importante experiência	70

CAPÍTULO I

EM QUE O AUTOR ENTRA NO PALÁCIO E SE DEPARA COM O PRESIDENTE DISCUTINDO O MASSACRE DO DIA

Daniel tinha uma frustração profissional. Ele nunca conseguira flagrar um político importante na intimidade. Sem a máscara que qualquer político veste para se apresentar à opinião pública, mesmo quando esta se faz representar por um simples repórter. O aparelho da invisibilidade podia, finalmente, resolver essa questão.

Ele decidiu fazer um teste. Sem revelar à família seu objetivo, viajou certo dia para Brasília, dirigindo o próprio carro. Estacionou-o num lugar discreto, perto da Esplanada dos Ministérios. Não havia viva alma por perto. Também não havia uma cabine telefônica, como a dos filmes do Superman. Prudentemente, dirigiu-se a uma moita de arbustos, para se tornar invisível. Em seguida, caminhou até o palácio onde imaginava estar, àquela hora da noite, o presidente Francisco Honório Camargo.

Como havia previsto, não foi difícil entrar. Numerosos guardas, com seus *walkie-talkies*, pareciam mais alertas do que nunca, mas não perceberam a aproximação do intruso. Daniel atravessou tranqüilamente o saguão principal e se aproximou de uma sala de estar. O presidente, em mangas de camisa e sem gravata, conversava com dois ministros amigos. Um era alto, forte e com no mínimo 30 quilos de peso em excesso. Sua voz desmentia o corpanzil. Parecia o mais agitado dos três. Estava pronto para um enfarte, pensou o repórter. O ministro Saulo Moura dizia:

– O que me preocupa é a reação no Exterior.

– Calma, Saulão! Também, não é tão grave. É um problema localizado. No máximo, vai deixar mal o governador Gamaliel. Mas ele pode botar a culpa num coronel qualquer – disse o outro ministro.

Joel Serpa era calvo e tinha olhos espertos, acentuados por profundas olheiras. Elas confirmavam sua fama de notívago.

Daniel compreendeu imediatamente o tema da conversa. Eles analisavam as conseqüências políticas do massacre dos sem-terra no Sul do Pará. A tragédia chegara ao conhecimento do presidente à tarde e, certamente, seria manchete de todos os jornais no dia seguinte. Segundo as primeiras notícias, mais de 20 pessoas, inclusive crianças, haviam sido mortas a tiros, disparados à queima-roupa por soldados da polícia militar. Vitimadas por um ato de desesperada ousadia. O de fechar uma rodovia, para exigir reforma agrária.

– É um baita azar, o Gamaliel ser do PSBD. Já não bastassem as pauladas que temos levado desses cretinos do Movimento dos Sem-Terra! – resmungou Saulão.

Sentado numa confortável poltrona, o presidente apenas acompanhava a conversa. Ele sentia se aproximar uma nova crise de coluna. Os ombros fisgavam. Também o estômago reclamava, cada vez que ingeria um imperceptível gole do uísque. Para piorar, o cigarro fazia falta. Fumar significaria ter de enfrentar a fria desaprovação da primeira-dama, Dona Rita Camargo.

– Filhos da mãe!

Daniel se surpreendeu. O professor Francisco Honório Camargo era um *cavaleiro*. Colecionava títulos de doutor *honoris causa* de universidades européias. Nunca se permitiria um palavrão em público. A conversa estava ficando interessante...

Saulão reforçou o impropério, solidarizando-se com os sentimentos do chefe. Essa questão da terra era das mais difíceis. Entre as promessas de campanha, era a mais cobrada pelo povo e até por setores da imprensa. Os três já tinham discutido o tema tantas vezes, que hesitavam em voltar a remoê-lo. Estavam de pleno acordo num ponto: a reforma agrária precisava ser cozinhada em banho-maria. Não era hora de hostilizar os aliados do Partido da Força Lateral. Relutantes, os três admitiram que fosse preciso fazer alguma coisa, para acalmar os ânimos, depois daquela tragédia. O presidente devia anunciar novas medidas, que apressassem o programa de reforma agrária.

– O importante é fazer um discurso convincente para o público e, sobretudo, para os nossos aliados. Cada lado deve interpretar corretamente as palavras do presidente, mesmo que essas interpretações estejam, objetivamente, em oposição uma com a outra – recomendou o ministro do Planejamento.

– Ora, Serpa, não se preocupe. Nisso, ninguém supera o Francisco! – bajulou Saulão.

Pelo menos, ele não chama o presidente de Chico, consolou-se o jornalista.

Serpa se levantou. Saulão, relutantemente, esvaziou seu copo de uísque e imitou o colega, com um tremendo esforço para se erguer do sofá. O presidente não fez qualquer gesto para evitar que se fossem. Queria ficar sozinho. O jornalista, que havia escutado toda a conversa de pé, procurou uma cadeira num canto da sala, para se sentar. A respeitáveis seis metros do presidente, que se serviu de nova dose de uísque, fazendo uma careta.

O presidente estendeu a mão para um livro, que descansava na mesinha em frente, mas não chegou a tocá-lo. Decidiu que era melhor meditar, enquanto bebericava a

sós. Torcia para que Rita não aparecesse. Com sorte, ela estaria dormindo, a esta hora da noite.

– A consciência dói mais do que a coluna. Acertei, senhor presidente?

FHC engasgou-se com o uísque. Quando dominou o acesso de tosse, procurou pelo intruso, em vão. Cauteloso por natureza, não se apressou. Finalmente, tirou o telefone do gancho.

– Venha cá! – ordenou.

Um major do Exército, corretamente uniformizado, abriu a porta.

– Às ordens, senhor presidente.

FHC explicou laconicamente a situação. O oficial compreendeu. Momentos depois, começaram a chegar os especialistas. Silenciosamente, policiais federais e agentes de segurança revistaram toda a sala, usando aparelhos sofisticados. Nada! O presidente acompanhara, interessado, o competente trabalho da equipe. Seu rosto era uma máscara de dignidade, até que todos saíssem. O major foi o último. O presidente podia se sentar agora, aliviado, para terminar o uísque.

– Engana-se, senhor presidente. Não foi uma ilusão.

– Quem está falando? – indagou FHC, depois de algum tempo.

– A voz da sua consciência. Se preferir, pode me chamar de grilo falante...

O presidente não se moveu, pensativo. Nunca havia enfrentado situação semelhante, embora pudesse imaginá-la, nos seus piores momentos. Fantasmas? Não acreditava nisso. Microfone oculto? Impossível, depois da varredura feita pela segurança. Podia perceber que a voz estranha vinha de um canto da sala, à sua esquerda. Precisava de tempo, para desvendar o mistério.

– Por que diabos pensa você, seja quem for, que minha consciência me incomoda?

– Ora, só por causa daquelas mortes... E daquelas promessas feitas na campanha eleitoral, todas elas jogadas no lixo, veja o senhor, logo após a vitória nas urnas. Ainda mais grave, o esquecimento proposital de todas as suas idéias, expostas naqueles magníficos livros de sociologia...

– Ora, digo eu. Já pedi há muito tempo que esquecessem tudo o que escrevi... Tratava-se, é óbvio, de uma realidade absolutamente diferente da atual! Só um mal intencionado não percebe essa verdade!

– Obrigado pela parte que me toca. Mas quem terá mudado? O mundo ou o autor?

– Não percebe? É evidente que ambos mudaram muito. Olha, pessoalmente, venho sofrendo grandes transformações, sempre para melhor! Não se chega ao poder, sem deixar algo para trás. Sem assumir novos compromissos, redesenhar as estratégias, optar por movimentos táticos, correr riscos de ser incompreendido muitas vezes. O poder traz consigo graves responsabilidades...

– Que lástima! – ironizou o jornalista. – No entanto, de nada vale o poder, se não puder servir para melhorar a vida do povo...

– E quem disse que não melhorou? Olha aí o Plano Realidade. Ele acabou com o imposto inflacionário. Não sabe, ele era pago principalmente pelos mais pobres, que não têm como se defender fazendo aplicações ou antecipando compras. Ele levou mais comida à mesa do pobre. Desculpe-me, essa conversa está ficando chata! Você parece um desses repórteres da “Falha”... Pior, porque invisível! Para falar a verdade, sua conversa está me dando sono. Chego a preferir a companhia da Rita...

– Pobre homem! Como vê, sou a sua consciência. É impossível suportá-la!

– Você está doido! – exclamou o presidente. – Vai à merda!

Ele juntou um resto de dignidade no gesto de esvaziar o copo e se retirou, cambaleando, sem dizer qualquer outra palavra para o impertinente fantasma.

Um serviçal abriu a outra porta, para fazer a limpeza da sala. Daniel aproveitou para sair. Fez o caminho de volta ao carro, assobiando baixinho. Tinha a impressão de que não perdera inteiramente seu tempo. O presidente não se esqueceria, tão cedo, daquela noite...

A noite do Dia do Massacre.

CAPÍTULO II

NO QUE SE CHEGA A UM NÚMERO EXTRAORDINÁRIO DE ESTRELAS, PARA GRANDE ESPANTO DE TONHO

Para agradável surpresa do autor, o leitor chega incólume ao Capítulo II, depois de corajosa travessia pelos 39 parágrafos iniciais dessa história. É compreensível que, ao fim dessa jornada, ele espere uma explicação para o misterioso aparelho da invisibilidade que permitiu a Daniel desafiar a intimidade do presidente. Antes de tudo, é preciso deixar claro que ele não pertence a Daniel, mas a seus filhos. Foi-lhes dado de presente pelo...

Eia! Não convém passar o carro à frente dos bois! É uma longa e quase inverossímil história. Ela será mais compreensível, se o autor adotar, finalmente, a ordem cronológica dos acontecimentos. Ele pode começar um pouco antes da chegada... Quatro horas antes, para ser preciso. No momento em que toda a família se reúne na varanda, no cair da noite. Quando Lucas, o filho mais velho de Daniel, de 13 anos, se prepara para ouvir mais uma história da vovó Donana. Ele não esconde uma estranha preferência pelos casos de assombração, para horror e fascinação de Tonho, que ajuda vovó nos trabalhos do sítio. Dois anos mais velho do que Lucas, Tonho acredita em praticamente tudo que sai dos lábios da boa velha.

Reprimindo a impaciência, Lucas espera que Soninha – a irmã caçula, de cinco anos – adormeça, enroladinha no colo do pai. Só assim a avó se permitiria entreabrir a porta de seu imaginário Reino do Terror. Nome dado por Lucas àqueles lúgubres paradesiros e a seus terríveis eventos.

Vovó sabe como despertar, naquela hora da noite, uma legião de figuras mal-assombradas, habitantes de antigas histórias. Na Idade Média, esses contos, protagonizados por monstros e que tinham como figurantes cemitérios e aleijões variados, podiam aterrorizar garotos crédulos, que desde o berço viviam sob a ameaça de terríveis infernos. Não era o caso de Lucas e de suas irmãs Carol, de 11 anos, e Bruna, de 9. Curtidos pelos desenhos animados, pelos contos de Grimm e de Andersen, pelos filmes e livros de aventuras, os três por vezes se arrepiavam, nos momentos mais dramáticos dessas velhas histórias. Sabiam, porém, que elas não passavam de criação da mente, destinadas a divertir, e não a dominar pelo medo, a oprimir pelo temor religioso. Tonho, criado numa outra realidade, procurava esconder seus temores, mas por vezes era pego se benzendo.

Aquela se apresentava como uma noite ideal para as histórias da vovó. Na terra, escuridão de breu, que se iniciava numa imprecisa divisa, marcada apenas pelo tremeluzente clarão amarelado das lâmpadas elétricas. No ar, mil olhos suspensos, que podiam ser corriqueiros vaga-lumes e lacraias, a voejar sobre a copa das árvores, ou sonhadoras estrelinhas, penduradas no céu sem nuvens. Cenário perfeito, não fosse um problema: Soninha, mais desperta do que nunca. Lucas se conformou. Era preciso esperar mais um pouco, jogando conversa fora.

– Alguém aí pode adivinhar quantas estrelas tem lá no alto?

– Uai, pra que adivinhar? Hoje sabe contar, não sabe? – exclamou Tonho, olhando o céu estrelado.

– Pô, ninguém consegue, não vê? Inda mais você... que nem sabe contar até mil – caçou Lucas.

– Eu? Eu? Ué, eu posso contar até 1 milhão! Quer apostar? – indignou-se o rapaz.

– O Tonho conta mesmo! Ele vai lá ao paiol, escolhe bem as espigas, e começa a contar: “Um milhão, dois milhão, três milhão”.

Todos riram do gracejo da Carol. Tonho mais do que os outros.

– E depois de contar tudo – sugeriu Lucas, ainda rindo – o Tonho pode debulhar o milhão, para dar pros patos.

Tonho havia concluído a quarta série do primeiro grau, na escola da roça, e tinha orgulho de seu diploma. Mas não se ofendeu com as brincadeiras dos amigos.

– Se põe dúvida, conto até 1 bilhão. E já vou começar: um, dois, três...

Prudentemente, vovó interrompeu a disputa.

– Ora, o Tonho conta muitíssimo bem, meninos. Ele não precisa provar. Mas, está claro, é muito difícil contar estrelas. Diante de desafios desse tipo, o povo até inventou que nasce verruga quando se conta estrelas. Bobagem. É difícil, porque o número delas é muito grande e quem faz a experiência ganha, no mínimo, um torcicolo. Pra terem uma idéia: só na nossa galáxia, a Via Láctea, são mais de 400 bilhões de estrelas.

– Virge!

Donana limpou os óculos com uma flanela, para observar melhor o céu, sorrindo do espanto de Tonho.

– Valeu, Tonho! Ainda quer contar? Mas, vovó, e no céu inteirinho? – insistiu Lucas, que não se deixava impressionar com facilidade.

– Bem, os cientistas estão sempre atualizando seus cálculos, à medida que vai aumentando o alcance dos telescópios. Agora, eles acham que existem cerca de 100

bilhões de galáxias, com uma média de 10 bilhões de estrelas em cada uma. Quer saber quanto dá, é só multiplicar um número pelo outro. Posso adiantar que é um número fantástico...

– Ora, vó, um número fantástico! Número é número. Vamos multiplicar, para ver a aparência do bicho! – gritou Lucas.

Sem esperar resposta, ele correu para buscar sua pasta escolar e pegar lápis e papel. Por prudência, trouxe também uma borracha. Depois, deitado no cimento da varanda, com todos em volta, desenhou cuidadosamente, contanto os zeros: 100.000.000.000. Embaixo, escreveu o número médio de estrelas de cada galáxia: 10.000.000.000. E encontrou o resultado: 1.000.000.000.000.000.000.000.

– Eta baita número danado de grande! – exclamou Tonho, coçando o pixaim – O problema agora é soletrar esse carreirão de zeros...

– Uai, achei que você sabia contar até o infinito, Tonho!

– Também não precisa exagerar, Carol! – riu o rapagão.

Os netos esperavam uma resposta da vovó sabichona. Professora aposentada, Donana mantinha-se sempre bem atualizada. Desta vez, porém, ela teve que pensar um pouco, antes de chamar pelo nome aquela bela manada de bem nutridos zeros.

– Um sextilhão – anunciou ela, finalmente.

– Um sextilhão de estrelas! – exclamou Carol, entusiasmada.

– Eta mundaréu de estrelas – balbuciou Tonho, ainda pasmo.

– É estrela que não acaba mais! – completou Laura.

A nova personagem desta inédita história, Laura, é psicóloga e tem 38 anos. Ela já está casada há 16 anos com Daniel. É a mãe de Lucas, Carol, Bruna e Soninha e também é filha única da vovó Donana. A família está passando férias no sítio. Ela trabalha como funcionária pública no governo estadual.

– Então, quem não tinha telescópio, nunca podia imaginar que o universo era tão grande, não é mãe? Acho que, a olho nu, o máximo que se vê são umas mil estrelas – continuou Laura.

Antes de responder à filha, vovó Donana ajeitou pensativamente os óculos. Um gesto inútil, porque eles logo escorregariam de volta ao seu lugar preferido – a ponta do nariz da boa velha. Ela tinha o hábito de ilustrar suas respostas com exemplos. Vinha a calhar agora, decidiu, aquela história do Abraão. E começou a narrar. O patriarca bíblico andava triste, porque não tinha filhos. Numa bela noite estrelada, Jeová, o Deus dos judeus, conduziu-o ao alto de uma colina, e anunciou: “Alegrai, porque vossa descendência será tão numerosa quanto às estrelas do céu”. Mais ou menos isso, já que ele

falou em hebreu e a frase foi passando de geração em geração, até ser escrita. Como se diz, quem conta um conto aumenta um ponto. E quem traduz contradiz. O fato, porém, é que Abraão ficou muito feliz. Eram tantas as estrelas, que nem podia contar! E tantos seriam seus filhos, netos, bisnetos, tataranetos....

– Alguns milênios depois – concluiu Donana – os astrônomos contaram as estrelas que podiam, a olho nu, enxergar num céu bem estrelado do Oriente Médio. E chegaram a um número decepcionante para o velho Abraão. A julgar pela promessa divina, sua descendência não era tão fantástica, como ele imaginava. Pela contagem daqueles astrônomos, são pouco mais de três mil estrelas, em cada hemisfério da Terra.

– Essa mixaria?! – decepcionou-se Lucas, examinando mais uma vez o número que se espichava no papel como um trenzinho com seus vagões.

Bruna tinha outra dúvida.

– O que é descendência, vó?

– Isso é *facílimo* – exagerou Lucas, sem a reverência devida ao perigoso superlativo. – São os filhos, netos, bisnetos, tataranetos etc., etc., de uma pessoa. É isso aí. Nós somos descendentes da vovó.

– Muito bem! E eu sou uma ascendente de vocês. Com exceção de Daniel, meu genro... e do Tonho. Nosso irmão, como todos os outros seres humanos.

Ascendente! Os netos olharam a avó, com respeito dobrado. O silêncio foi quebrado por Laura, que anunciou:

– Está na hora da cama.

Os meninos protestaram. O assunto desta noite estava tão interessante, que Lucas se esquecera das histórias de fantasmas...

CAPÍTULO III

NO QUE O ET APARECE PELA PRIMEIRA VEZ E REVELA QUE CONHECE MUITO BEM OS MORADORES DO SÍTIO.

Lucas não conseguia dormir. Sua atenção se voltava para o ruído dos bichos, no lado de fora da casa. Depois de algum tempo, ele se levantou, para beber água no pote de barro da cozinha. Era um pretexto, para ir à varanda. Abriu a porta com cuidado, pois o pai tinha sono leve. A varanda não era suficiente. Ele levou uma das espreguiçadeiras para o gramado, pois queria observar o céu. Lucas não tinha medo da noite. Ele se lembrou de um verso de Carlos Drummond de Andrade: “Ora, direis ouvir estrelas”... E se esforçou para ouvi-las. Mas seu ouvido só captava o farfalhar das folhas, o pio da coruja, o silvo do morcego, o rilhar dos grilos, enfim, o ruído de uma multidão de bichos que se movimentava no escuro. Na roça é assim: quando o Sol se põe e os homens vão dormir, outros bichos deixam suas tocas e esconderijos sob as pedras, cascas e folhas das árvores, e saem à luta pela sobrevivência.

Embalado pelos ruídos da noite, Lucas sonhava com viagens interplanetárias. Súbito, descobriu uma estrela cadente, nas vizinhanças da constelação do Cruzeiro do Sul. Ela riscou o céu, com grande brilho, e foi caindo, caindo, caindo, caindo! Um galo cocoricou, e seu canto soou aos ouvidos do garoto como um alarme. O cachorro do sítio fez coro, pondo-se a ganir.

– A estrela vai cair aqui!

Imediatamente, entrou em pânico. Se pudesse se lembrar agora daquela historinha infantil, Lucas teria motivos para se solidarizar com a galinha-do-pescoço-pelado que, atingida na cabeça por uma laranja madura, achou que o mundo estava acabando. O terror de Lucas se esvaeceu, antes que ele saísse cocoricando – digo, gritando – pelo quintal, a sobressaltar os viventes dorminhocos. O menino conseguiu dominar seu pavor e evitar qualquer vexame, por uma única razão: ele se lembrou a tempo do tamanho das estrelas. A menor é pelo menos 700 vezes maior do que a Terra. Como todas ficam tremendamente distantes, se alguma se avizinhasse do Sol os astrônomos teriam sabido há muito tempo. E agora o mundo inteiro não faria outra coisa senão aguardar, espavorido, pelo som das trombetas do Juízo Final!

E ainda há quem duvide de que saber dessas coisas pode ser bem útil. Aliviado, Lucas pensou em outra possibilidade excitante:

– É um disco-voador – balbuciou.

No sufoco, Lucas não conseguia uma explicação mais razoável para o fenômeno. Numa coisa, acertou: o misterioso objeto caiu mesmo no sítio. Melhor dizendo, pouso... bem de mansinho! Lucas podia agora perceber o fulgor azulado, rompendo a escuridão, a uns cem metros de distância, perto do Ipê Grande. Por um instante, o garoto hesitou. A curiosidade venceu o medo. Ele assobiou para o cão, chamando-o. O valente Leão – esse é o nome verdadeiro do cachorro, não há nisso qualquer sátira – havia parado de ganir. Leão ergueu-se, relutante, da soleira da porta da cozinha. Lucas caminhou com cuidado, sentindo as pernas fracas. A vinte metros do Ipê Grande, ele podia ver melhor o objeto. Era pouco maior do que a copa frondosa da árvore. Emitia suave brilho azulado... avermelhado... amarelado. Mudava de cor a cada momento!

Lucas não tinha dúvidas: era um disco voador! Parecia suspenso uns dois metros acima do solo. Não! Sustentava-se em três hastes. Três robustas antenas de automóvel, apontadas para baixo. Desapareciam na Terra, como colunas de um edifício. Como seriam os ETs? O garoto via surgir, num caleidoscópio mental, os seres mais estranhos: aranhas enormes, com braços e pernas musculosas e cabeças de gente; gorilas com seis braços e cabeças de elefante; homens com pés de sapo e cara de peixe; homenzinhos verdes, com pequenas antenas na cabeça...

– Tomara que sejam como aqueles homenzinhos da revista da Luluzinha – desejou ele, intensamente.

Para reforçar, fechou os olhos, cruzando os dedos. Quando olhou novamente, uma porta se abria, numa parte da aeronave. Um homenzinho! Leão enroscou-se, trêmulo, nos pés de Lucas. Rosnava baixinho, cumprindo seu dever canino, sem muita convicção. No entanto, nada sugeria perigo. A aparência do ET era decepcionante para qualquer fã de filmes de ficção científica, em geral protagonizados por terríveis extraterrestres. O homenzinho vestia roupa verde acetinada e tinha, naturalmente, uma antena no alto do grande capacete vermelho. Ele ergueu a mão enluvada de branco, num gesto de saudação.

– Olá! Espero não ter assustado vocês – disse o ET, num português perfeito.

Pela primeira vez na vida, Lucas perdeu a fala. O visitante retirou o capacete, para mostrar o rosto. E Lucas pulou de alegria.

- Tio Felício! É o tio Felício!...

Lucas correu para abraçar o tio. Teve que se abaixar um pouco, porque Felício era quase um anão. O problema eram suas perninhas curtas e em arco, parecendo um daqueles caubóis de cinema. Das pernas para cima tio Felício era quase normal. Quase, porque a cabeça era enorme e parecia ainda maior, por causa do tamanho geral do ho-

menzinho. Ele devia ter quase 80 anos, mas ninguém lhe daria mais de 60. Era forte e saudável, e seu eterno sorriso de dentes bem conservados, na boca larga, o rosto marcado por rugas profundas e numerosas... Bem, deixa pra lá. Tio Felício é indescritível. Depois de abraçar o sobrinho e afagar o pescoço do Leão, ele abriu – se isso é possível – ainda mais o sorriso, ao apontar para seu extraordinário meio de transporte.

– Veja! Somos do planeta Mung. Preciso me apresentar: sou o professor Ing e esse é meu disco–voador último modelo, de fabricação própria – completou Felício, às gargalhadas.

Lucas chorava de alegria. Quando dominaram o riso, o professor virou–se para o estranho objeto voador, e chamou:

– Venham cá, gente, pra cumprimentar o Lucas.

Antes que os outros aparecessem, ouviu–se um grito na noite:

– Luca! LUCA! Onde está você?

– Estou aqui, pai! Aqui!– gritou o menino, acenando inutilmente no escuro.

Lucas voltou–se para o tio:

– Professor Ing, espero que não se importe de ser visto pelo meu pai. Ele é gente boa...

– Claro que não! Já estivemos aqui antes, invisíveis. Conhecemos todos vocês. Este aí é o Leão – disse, apontando o cachorro, que se acalmara, depois de ter farejado as mãos e os sapatos do ET.

Lucas ficou orgulhoso com a revelação do tio, que de novo havia colocado seu bizarro capacete. O pai estava agora ao seu lado. No olhar, o interesse do velho repórter pelas coisas extraordinárias. Lucas fez as apresentações, “este é o professor Ing”, como um mestre–de–cerimônias. Depois de cumprimentar o dono do sítio, sem se deixar reconhecer, o professor voltou a chamar os companheiros.

Eram sete, contando com o professor. Eles estavam vestidos do mesmo modo, e se pareciam. Os rostos, fortes e simpáticos. Ing foi fazendo as apresentações. Lucas divertia–se com os nomes inventados pelo tio para impressionar o irmão: Ang (a única mulher do grupo), Eng, Ung, Enf, Inf e Unf!

O jornalista sentia–se transbordar de perguntas. Porém, antes que começasse, o ET virou–se para a entrada da espaçonave e murmurou alguma coisa. Súbito, surgiu uma pulseira, que o homenzinho apanhou no ar, cuidadosamente, com a mão enluvada. Ing entregou–o a Enf, que o pôs numa pequena reentrância do disco–voador...

... e tudo sumiu!

– Hei, belo truque! Como fez isso, tio? – gritou Lucas.

– Tio! – espantou-se o pai. De repente, compreendeu:

– Ah! É você, Felício?! Pregando-nos uma de suas peças!

Felício gargalhou, feliz, e correu para abraçar o irmão caçula, que não via há muitos anos. Os dois ficaram lá, no meio da noite, dançando e dando tapas nas costas como doidos. Finalmente se acalmaram. O professor, que não deixava perguntas sem respostas, tratou agora de satisfazer a curiosidade do sobrinho:

– Pois é, Lucas, a explicação é meio complicada. Olha, esse aparelhinho que o Enf colocou na espaçonave emite uma espécie de manto protetor, captou? Ele oculta as coisas com as quais fica em contato direto, percebe? Ao mesmo tempo, fabrica a ilusão de que podemos ver o que está por trás do objeto invisível. É isso aí. O que estamos enxergando agora por trás da espaçonave invisível é exatamente igual à paisagem real. Ela, na verdade, está oculta pelo que o Lucas chama de disco-voador, captaste? Por causa disso, a invisibilidade do objeto é total. Agora, em geral, nós viajamos invisíveis, mas tivemos um acidente na viagem, que danificou o aparelho que protege a espaçonave durante o voo. Por isso, estamos usando esse aparelho alternativo, fornecido pelo computador de bordo, capiscou?

Daniel acenou com a cabeça, demonstrando no entanto alguma dúvida.

Bem, a invisibilidade é possível. Pelo menos, o imaginário popular está repleto de seres invisíveis, como os anjos, as fadas... Mas, até agora, não sabia que os cientistas já tinham descoberto o tal manto da invisibilidade.

– E deve continuar não sabendo. Este é um segredo, cá entre nós. Concordam? Prometem não espalhar? Está bem? Como sabem, não somos cientistas normais. Somos ETs do planeta Mung, seja lá onde ele esteja. E como extraterrestres, não devemos ter qualquer tipo de influência na evolução tecnológica dos habitantes da Terra – explicou o professor, sem esperar pela resposta às promessas pedidas.

– Que bobagem! – protestou Lucas. – Vocês devem ter tantas coisas interessantes para nos ensinar...

– É possível. Muitas dessas coisas, porém, só trariam mais complicações, se introduzidas de forma artificial na civilização terrestre – argumentou Ang.

Eles conversaram por mais alguns minutos sobre o mesmo assunto, sem um grupo convencer inteiramente o outro. Mas passava da meia-noite, e era preciso dormir.

– Está na hora da cama, Luca. Amanhã, teremos muito tempo para conversar. Assim de repente, não sei se vamos conseguir acomodação decente para todos vocês lá dentro de casa...

– Não se preocupe com isso, mano. Estamos bem alojados dentro da nave – tranquilizou tio Felício. – Não queremos incomodar.

– Que incômodo! Mas, se preferem assim, tudo bem. Então, de manhã estaremos esperando por vocês. São os nossos convidados para o café da manhã – disse Daniel.

Todos se mostraram muito satisfeitos com o convite. Depois das despedidas, entraram na nave e desapareceram, como por encanto, quando a porta invisível se fechou.

Lucas acordou às sete em ponto, como se estivesse regressando de longa viagem. Ele esfregou os olhos. Não havia dúvidas. Lá estava o teto de seu quarto, sem forro. A claridade entrando através dos encaixes das telhas portuguesas.

“O tio Felício!”, lembrou-se o garoto, pulando da cama.

Ele enfiou os pés nos chinelos, pegou uma blusa de frio e saiu correndo, vestindo-se pelo corredor. Abriu a porta da cozinha, pulou o murinho da varanda e disparou rumo ao Ipê Grande.

Leão corria na frente, latindo de excitação.

Lá estavam, bem visíveis na terra molhada pelo orvalho, três buracos: os trens de pouso do disco-voador!

– Sabia! Não foi um sonho! – exclamou o menino, acariciando o pescoço peludo do cão.

O pai, que também tivera uma noite cheia de sonhos, vinha logo atrás. Os dois sentaram-se num tronco caído de árvore, ali perto, e ficaram esperando, impacientes, pelo aparecimento dos visitantes.

CAPÍTULO IV

ONDE LUCAS ADMITE COM GRANDE RELUTÂNCIA QUE SER PEQUENO AJUDA NA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA.

– Quem diria? Temos um OVNI bem no nosso sítio! – declarou o pai.

– OVNI? Já ouvi isso em algum lugar.

– É uma sigla, Luca. Significa Objeto Voador Não-Identificado. No nosso caso, não é bem assim, já que o disco-voador foi construído pelo Felício, não sei como...

Lucas esperou, esperou, e não se conteve de impaciência. Ele foi ao lugar onde calculava estar a porta da aeronave, e berrou:

– Oi de casa! Tio Felício! Tio Felício!

O comandante da espaçonave atendeu ao chamado. De repente, lá estava ele. Suspenso no ar, na abertura invisível do disco-voador.

– Bom dia! Bom dia! Que ótimo dia!

– *Otimérrimo!* – exclamou Lucas, lançando mão de outro de seus superlativos exclusivos. – Chame os outros, tio! Vamos fazer uma baita surpresa para a vovó! Ela está fritando biscoitos, sem nem saber o que a espera!

Daí a pouco, todos estavam na varanda. Lucas correu na frente. Na porta da cozinha, ele gritou:

– Vovó! Vovó! Adivinha quem veio nos visitar!

A boa velha, como imaginara o neto, levou o maior susto, mas logo se mostrava muito feliz com a novidade.

A gritaria e as risadas despertaram os dorminhocos. Soninha, que nunca tinha visto o tio, mas ouvira falar dele centenas de vezes, chegou desconfiada, cara amarrada de sono. Na mão, a inseparável companheira, uma velha bonequinha de pano. Agarrou-se à saia da avó, mas só por um instante. Logo, disputava com as irmãs a atenção dos visitantes. Daí a pouco, todos eram velhos amigos. Os adultos contemplavam a alegria das crianças no meio dos sete visitantes.

Tonho aproximou-se, desconfiado, da porta da cozinha.

– Hei, Tonho! – gritou Bruna. – Temos um disco-voador aqui no sítio. Esses são os tripulantes...

O rapaz arregalou os olhos e escancarou a boca, mas não emitiu qualquer som.

– Sossega, Tonho! São nossos amigos. Este é o professor Felício, o famoso professor Felício – tranqüilizou Donana.

– Gente boa! – garantiu Lucas.

Tonho examinou o velho professor, curioso. Já ouvira tantas proezas desse homenzinho! Alegre, o rapaz foi cumprimentando um a um, enquanto Lucas, como um mestre-de-cerimônias, ia anunciando os nomes, ao acaso. Nomes de ETs, já que com exceção do tio, ele não sabia o nome verdadeiro dos outros. E nunca soube. A brincadeira dos ETs era mais divertida. Daniel desconfiava que alguns nomes fossem estrangeiros e tinha certeza de que todos eram grandes cientistas, os melhores de seus ramos. O irmão era famoso por saber escolher os auxiliares.

Todos se assentaram, finalmente, em volta da grande mesa de madeira maciça da cozinha. Os biscoitos e o café cheiroso estavam prontos. Vovó Donana, por pouco, não explodia de orgulho, tantos eram os elogios dos “extraterrestres” a seus quitutes. Terminado o café e esvaziada a gamela, todos saíram da casa.

– Oi, tio, mostra o disco-voador pra gente! – pediu Soninha.

– Mostra! Mostra! – gritaram Carol e Bruna.

– Tá bem, tá bem. Mas só por um segundinho – concordou o professor.

Dirigiram-se para o Ipê Grande. Enf apalpou o ar e logo encontrou a reentrância onde havia deixado a pulseira. Ele o apanhou. Súbito, a nave surgiu, recoberta de milhões de minúsculas peças redondas, de metal multicolorido. O professor abriu a porta, para que pudessem olhar dentro. O que se via era um espaço branco, repleto de aparelhos esquisitos. Passados alguns segundos, Ing fez um gesto e Enf voltou a pôr a pulseira no mesmo lugar de antes, fazendo a espaçonave sumir. Ing explicou:

– É melhor deixá-la invisível, para não atrair curiosos.

O professor informou que a aeronave precisava de um conserto. E contou:

– Estávamos numa viagem ao Cinturão dos Asteróides, quando fomos atingidos por um pequeno objeto espacial. Ele fez um furo no casco, e achamos melhor voltar à Terra, para consertar.

– Deve ser muito perigoso viajar pelo espaço – comentou Laura.

– Até que não – disse Ang, modestamente. – Um acidente como este é raríssimo. A probabilidade de ocorrer é a mesma de cair um raio na cabeça de alguém, aqui na Terra.

Soninha examinou o céu, preocupada. Tranqüilizou-se: o Sol brilhava, nenhuma nuvem ameaçava sua linda cabecinha, ornada de negras madeixas.

– E onde fica esse tal de Cinturão do Herodes? – perguntou Tonho.

– Cinturão dos Asteróides – corrigiu Ang, sorrindo. – São corpos celestes pequeninos. O maior deles tem uns mil quilômetros de diâmetro. Os asteróides fazem órbita entre os planetas Marte e Júpiter.

Tonho ficou na mesma, mas fez de conta que entendeu.

– São muitos os asteróides? – quis saber Carol.

– O número certo, não sabemos. Mas devem ser entre 40 mil e 100 mil. Eles ficam circulando o Sol, como os planetas. Os asteróides são corpos gelados. Não têm ar e água em estado líquido, mas são ricos de materiais, que podemos aproveitar. O mais importante é que, por enquanto, eles não têm donos.

– Bem, e como vocês farão o conserto da nave? – perguntou Donana.

– Pois é, precisamos de alguns metais, para fabricar ligas muito resistentes. Se a senhora deixar, vamos escavar uma mina aqui. Poderemos usar, como entrada, aquele buraco de tatu – apontou o professor.

Vó Donana concordou imediatamente com o pedido de Ing.

– Claro, fiquem à vontade. Taí, o buraco de tatu pode ser um bom disfarce.

A boa velha só não sabia como os cientistas poderiam passar por ele. Mas desconfiava que aquele não fosse um obstáculo para a turma do Felício.

– Pode deixar, vamos dar um jeito... – garantiu Inf, que parecia ler os pensamentos de vovó Donana.

Os visitantes começaram pouco depois o trabalho. O computador comandava, de dentro da nave, um equipamento que fazia o buraco se expandir, momentaneamente, para permitir a entrada dos ETs. Lucas e Soninha queriam acompanhá-los, mas os pais não deixaram.

A vida no sítio continuou a mesma, aparentemente, durante o resto do dia. À noite, todos se reuniram na cozinha, diante do fogão de lenha, para conversar. Os visitantes tinham tantas histórias interessantes!

Pareciam sete volumes de uma enciclopédia, daquelas antigas, encadernadas de verde. Pois continuavam vestindo a roupa engraçada dos ETs, para alegria da criançada.

Vovó Donana achava que nunca é tarde para aprender. Para conservar aceso o papo com os sabichões, a gamela estava sempre recheada de biscoitos fritos, o bule fumegante de café, que era moído por Tonho, momentos antes de ser fervido.

Naquela segunda noite dos visitantes no Sítio do Periquito Banguelo (esse nome havia sido escolhido por Laura, parodiando o famoso sítio de dona Benta, descrito por Monteiro Lobato), a conversa se animou, a partir de uma declaração de Carol.

– Você, tio, parece mesmo um extraterrestre, com o corpo pequeno e uma cabeça enorme...

– Carol! – ralhou a mãe.

Mas Felício caiu na gargalhada, sem se importar com a indelicada descrição da menina.

– Cabeça grande é sinal de inteligência... – ajudou o pai.

– É mesmo! É preciso ser muito inteligente, para inventar disco-voador! – completou Carol, sem se abalar com os olhares da mãe.

– Aaah! Na verdade, ser grande não é vantagem – declarou Unf.

– Taí, concordo! – afirmou Daniel, do alto de seus quase um metro e oitenta de altura. – Um exemplo disso são os dinossauros. Eles eram imensos, mas não conseguiram sobreviver. Enquanto a barata, que é pequenininha, vive na Terra há milhões de anos...

A psicóloga Laura havia estudado esse tema. Ela explicou:

– Vejam, o problema com o dinossauro estava na relação entre o tamanho da cabeça e do corpo. Coitado, seu cérebro era pequeno, comparado com o resto do corpo. O maior crânio de dinossauro já descoberto tinha 1,60 metro. Ele pertencia ao fóssil do *Carcarodontosaurus saharicus* encontrado em 1996 no Deserto do Saara. Pobre diabo! O bicho tinha 15 metros. Apesar do tamanho do crânio, provavelmente seu cérebro pouco mais fizesse do que comandar aquela massa imensa de músculos e nervos. Palavra! Enquanto isso, o cérebro do antepassado do homem podia se ocupar com outras coisas...

– ... como inventar a roda e dominar o fogo! – exemplificou Lucas.

– Muito bem! – aplaudiu a mãe. – Mas, não basta ter cérebro grande e corpo pequeno, para sair por aí conquistando o mundo. Desculpe! O que eu quero dizer, sem qualquer referência ao Felício, é que a baleia e o polvo, por exemplo, têm capacidade craniana maior do que a do homem. São inteligentes, quase tanto o Lucas, mas estão muito atrasados, tecnologicamente.

– Não estão nem na idade da pedra lascada! – comentou vovó Donana.

– Mas, é claro! Como podem acender fogo, se vivem na água? – apressou-se Carol a defender os dois animais, que lhe eram muito simpáticos.

– Uai, o problema deles começa por aí – concordou a avó, muito orgulhosa de seu fogão de lenha, que produzia maravilhas culinárias.

Ang piscou um olho para os companheiros e disse:

– Olhem, foi ao longo do processo de seleção natural que chegamos à nossa estatura atual...

– ... e estamos bem felizes com ela – garantiu Eng.

– Tá bem, tá bem... – contemporizou Lucas. – Mas, tirando vocês, que são cientistas e sabem das coisas, todo mundo quer ser fortão, para ganhar nas Olimpíadas, ser jogador de basquete, conquistar as garotas... A prosa está boa, mas eu quero ser, pelo menos, tão alto e forte como o Tonho. Qual é mesmo a vantagem de ser pequeno?

Felício riu:

– Em primeiro lugar, porque ocupamos menos espaço do que o Arnold Schwarzenegger!

– E comemos bem menos! – continuou o tio, estendendo mais uma vez a mão cheia de dedos para a gamela de biscoitos da vovó.

Daniel riu.

– Aposto que as vacas pequenas, pelo menos, comem menos. Vocês sabem: os japoneses “inventaram” umas vacas pequenininhas, do tamanho de um cachorro. Elas pastam pouco, mas produzem leite como gente grande.

– Está bem, e eu já vi menino grande... e muito bestinha – ajuntou Carol, apontando para Lucas.

Ele apenas mostrou a língua para a irmã, sem se dignar a responder.

– Que engraçado! – comentou Soninha, olhando para o Leão. – Uma vaca do tamanho de um cachorro!

Vovó tinha outra comparação:

– Os americanos produzem computadores menores do que um livro e que podem transmitir mais informações do que toda a biblioteca do Papa, que é tida como uma das maiores do mundo.

– E esse pequeno computador, através da Internet, pode ter acesso a centenas de bibliotecas – completou Daniel.

Bruna preferiu mudar de assunto. Perguntou a Ang:

- Por que iam vocês para o Cinturão do Herodes, como diz o Tonho?

CAPÍTULO V

EM QUE SE INFORMA QUE É POSSÍVEL VIAJAR ENTRE OS ASTROS A BORDO DE UM PLANETA EM MINIATURA.

O professor Felício coçou o cavanhaque, pensativo.

– Pois é, como já dissemos, o Cinturão dos Asteróides é uma rica mina inexplorada e que não tem dono, captou? Desse modo, ele poderia nos fornecer material para construir, num futuro remoto, uma grande espaçonave, que levaria habitantes da Terra para planetas fora do sistema solar, iniciando a povoação do universo pelos humanos. Essa é uma velha idéia, bem explicada por Isaac Asimov, entre outros autores. Parece ficção científica... bem, é ficção científica, sem dúvida, mas pode ser tornar uma realidade. Íamos lá para conferir de perto as possibilidades da região.

Daniel já havia lido alguma coisa a respeito e quis saber do irmão como seria essa nave do futuro. O professor pôs-se a descrevê-la, como se ela realmente já existisse:

– É um pequeno mundo, percebe? Dentro, a paisagem não é muito diferente da terrestre. Olha, temos solo, no qual plantamos tudo, e lagos com peixes, vales e montanhas... Até chuvas e trovoadas, de vez em quando. Esse pequeno mundo é protegido por paredes de aço e rochas, com espessura superior a um quilômetro. Pode imaginar? Elas evitam a penetração das mortíferas partículas de raios cósmicos, que bombardeiam continuamente o espaço interestelar, captou?

– E quantas pessoas vivem lá? – quis saber vovó Donana, entrando também naquela realidade virtual.

– Um dez mil – respondeu o professor, com naturalidade. – Muitas nascem e morrem ali, sem nunca ter pisado em outro mundo...

– E o mundo mais perto da Terra, ele é muito longe? – perguntou Carol.

– Não, não. Aqui bem perto existe uma estrela, a Alfa Centauro, que pode ter planetas como a Terra. Ela é vizinha nossa: fica apenas 4,4 anos luz daqui – disse Ang.

– Anos-luz, anos-luz... Já ouvi essa palavra. O que significa? – indagou Bruna.

– Bem, é a distância que um raio de luz viaja durante um ano – explicou a mãe.

– Está certo, mas qual é essa distância, em quilômetros? – impacientou-se Lucas.

A pergunta era dirigida a Daniel. Mesmo adolescente, Lucas achava ainda, por enquanto, que o pai era um sábio.

– Bem... – o pai coçou a cabeça, hesitante.

– Olha, podemos fazer uns cálculos – ajudou o professor Felício, tirando um aparelhinho do bolso de sua roupa engraçada. – A luz viaja 299.792 quilômetros por segundo. A hora tem 60 minutos; cada minuto, 60 segundos. Ou seja, a hora tem 3.600 segundos. Multiplicando por 24, que é o número de horas num dia, teremos... Deixa ver – disse ele, olhando para sua esquisita calculadora. – Teremos 86.400 segundos, num dia. Vezes 365 dias, dá 31.536.000 segundos, num ano. Agora, é só multiplicar esse número por 299.792 quilômetros e teremos a distância percorrida pela luz durante um ano. Pronto! São 9 trilhões 454 bilhões 240 milhões e 512 mil quilômetros. Agora, é só multiplicar por 4,4 anos-luz e vamos saber qual a distância que precisaríamos percorrer para chegar ao nosso vizinho estelar mais próximo, captou? Aqui está: são aproximadamente 41 trilhões e 598 bilhões de quilômetros.

– Puxa! – exclamou Carol. – E você chama isso de perto, Ang?

– Bem, tudo é relativo – explicou ela. – Essa distância é insignificante, se comparada, por exemplo, com a espessura de nossa galáxia, que mede aproximadamente 16 mil anos-luz, compreende?

– Tá bom, tá bom! – concordou Carol, que estava achando aqueles números muito complicados. – Mas, quanto tempo vocês gastariam, para chegar lá nessa nave espacial?

– Uns três séculos – disse Unf.

– Credo! – foi a vez de Bruna se espantar.

Laura olhou o relógio, preocupada. Já tinha passado muito da hora dos filhos dormirem. Daí a pouco, todos os visitantes – que preferiram pernoitar na sua nave – se despediram, como velhos amigos, prometendo continuar a conversa no dia seguinte.

Meia hora depois, só o cachorro – esse amigo de verdade, que nunca critica o dono – continuava vigilante. Leão passava boa parte da noite deitado em sua casinha, ao lado da varanda, de olho no Ipê Grande.

CAPÍTULO VI

ONDE O VELHO NAZISTA PLANEJA TIRAR PROVEITO DAQUELES ESTRANHOS TRIPULANTES ESPACIAIS.

Os moradores pensavam que ninguém sabia da presença dos estranhos visitantes no Sítio do Periquito Banguelo. Não aparecera bisbilhoteiros pelas redondezas.

No entanto, cinco quilômetros dali, no alto da serra, alguém vinha observando com atenção tudo que se passava no sítio.

O curioso chamava-se Albert Hans. Um milionário exótico, que fugira da Alemanha, pouco antes da morte de Hitler, levando parte do tesouro nazista. Naquela época, ele era um jovem tenente da guarda pessoal do Führer, título dado pelos alemães ao chefe.

Hans e outros dois oficiais de confiança foram escolhidos para salvar o tesouro nazista, antes da invasão dos americanos e dos russos, quando a guerra já estava perdida para a Alemanha. O ditador planejava usar o tesouro, daí a uns anos, para financiar o ressurgimento do seu movimento político.

Os três oficiais não tiveram dificuldades para chegar à neutra Suíça, onde o tesouro foi depositado secretamente num banco. Algum tempo depois, dois deles apareceram misteriosamente mortos. Hans, o sobrevivente, tinha a senha da conta bancária. Aos poucos, ao longo de muitos anos, foi retirando discretamente o ouro e os diamantes depositados. Como muitos outros nazistas, ele havia se mudado para a Argentina e, depois, para Santa Catarina, no Brasil. Com muito talento para ganhar dinheiro, Hans chegou aos anos 60 como um próspero industrial. Nessa época, seus amigos nazistas já o tinham promovido a coronel. Apesar de seus milhões e da influência no meio empresarial, Hans não vivia tranqüilo.

Os israelitas vinham intensificando a caça aos nazistas, na América do Sul. Para se proteger, Hans se aposentou e construiu uma espécie de fortaleza numa montanha, no interior de Minas. Para lá se mudou, com alguns velhos companheiros, levando boa parte do tesouro nazista.

Eles pareciam bem seguros na fortaleza. Nos últimos anos, muitos dos companheiros do coronel morreram e foram enterrados ali mesmo. Hans era agora um homem solitário, vivendo apenas com um casal de velhos, como ajudantes. Ele passava boa parte de seu tempo atrás de potente telescópio, observando a vizinhança.

Era uma forma de passar o tempo, e de se prevenir contra um ataque inimigo. Na verdade, o bravo coronel morria de medo do Comando de Caça aos Nazistas.

Foi numa dessas longas vigias que surgiu, no foco de seu telescópio, o disco-voador pousado no sítio, com os moradores admirados em volta.

Um acaso extraordinário! O professor Felício havia permitido a visão da espaçonave, pelos seus anfitriões, por apenas alguns segundos. Exatamente quando o coronel observava o sítio!

Depois de controlar o palpitar do coração, o velho alemão resmungou com seus botões. Ele se interessou, sobretudo, por aquela coisa que fazia uma espaçonave desaparecer, como num passe de mágica. “Preciso tirar vantagem disso”, murmurou.

O tempo, porém, foi passando, e o velho militar não se atrevia a deixar seu posto, por algumas horas, para ir ao sítio. “Os extraterrestres devem ser muito perigosos, imaginava ele. No mínimo, têm desintegradores atômicos.”

Para o coronel nazista, tecnologia avançada era sinônimo de força e poder. “É melhor esperar, para ver o que vai acontecer”, concluiu ele, prudentemente.

Sem desconfiar de nada, o pessoal do sítio era só animação. Durante o dia, todos continuavam as tarefas normais, mas sempre de olho no Ipê Grande, para ver se algum amigo do espaço aparecia. Quando não estavam dentro da nave e no buraco do tatu – ou conversando à noite, na cozinha – os visitantes usavam o manto da invisibilidade.

Por volta das seis da tarde, quando terminavam o trabalho na mina, ninguém agüentava mais de impaciência e curiosidade. Eram tão interessantes suas conversas! Estavam novamente em volta da mesa, e Daniel puxou o assunto:

– Existem vida inteligente e alta tecnologia na Terra, mas nunca se descobriu evidências de sua presença em outros planetas, não é mesmo Felício? Veja você: será possível que, entre tantos bilhões de astros, o nosso seja a única exceção?

Laura não esperou pela resposta e lembrou:

– Olha, o Isaac Asimov andou fazendo uns cálculos interessantes, num dos seus livros. Segundo ele, só em nossa galáxia existem, atualmente, cerca de 530 mil civilizações com nível tecnológico igual ou superior ao nosso.

Sem saber o que responder a isso, os outros apenas concordaram com a cabeça, pensativamente.

Vovó finalmente interrompeu o silêncio, com um suspiro.

– Imaginação – disse ela, citando Albert Einstein – é mais importante do que conhecimento...

Laura continuou citando o autor de “Civilizações Extraterrestres”.

– Está bem, Isaac Asimov acreditava em civilizações extraterrestres, mas achava que essa história de discos–voadores é bobagem. Lorotas! Ele acha que a Terra nunca foi visitada pelos seres inteligentes dos outros planetas, porque não via possibilidade de eles existirem no sistema solar, com exceção da Terra, é claro. Dizia que as distâncias interestelares são grandes demais para serem percorridas...

– Aposto que é porque ele nunca viu a Luz da Chapada... – interrompeu Tonho.

– Ora, Tonho, isso é lenda! – declarou Lucas. – Já o disco–voador é real, está logo ali, perto do Ipê Grande. Só não entendo é por que vocês o construíram e guardam segredo. Se fosse comigo...

– Esperamos pelo momento certo para o “contato imediato de terceiro grau” – brincou o professor. – Por Deus, os homens precisam estar preparados. Não queremos causar choques culturais, capiscou? Os avanços nessa área são lentos, entende, apesar de se observar alguns nos últimos anos, ajudados pelos jornais, pela literatura em geral e até pelos filmes. Um exemplo dessa mentalidade favorável que vai se criando, se não me engano, é o sucesso daquele filme de ET.

– “ET – O Extraterrestre”? – perguntou Soninha. – Vi esse filme várias vezes na televisão. Adorei!

– Esse mesmo. Só queria ser como aquele pequeno ET, ter os poderes dele! – riu Ang.

– Mas, você é mais linda! – garantiu Soninha, acariciando o rosto da amiga.

Daniel compreendia o receio dos cientistas.

– Concordo, as pessoas têm que estar preparadas para os grandes avanços tecnológicos. Comparo isso ao caso dos extraterrestres. Esse filme, ao contrário de muitos outros, pode realmente contribuir para que as pessoas dissipem um pouco do medo. Olha, a maioria das histórias de extraterrestres têm criado uma espécie de horror ao desconhecido. Uma lástima! Sabem o que aconteceu com o livro “A Guerra dos Mundos”, do inglês H. G. Wells? Quando ele foi adaptado para o rádio, na década de 30, pelo ator Orson Wells, houve pânico entre a população de alguns estados norte–americanos. Pobre homem! Quem ligou o rádio depois do programa ter começado, não sabia que se tratava de uma dramatização do livro. Pois é, os ouvintes acreditaram que o mundo estava de fato sendo invadido por marcianos gigantescos, parecidos com aranhas, que comiam gente. Foi um Deus nos acuda...

Laura disse que era possível observar uma mudança de mentalidade, principalmente entre as pessoas mais inteligentes. Explicou:

– Essas pessoas raciocinam assim: se uma civilização alcançou nível de inteligência que lhe permita viajar de uma estrela a outra, ela aprendeu, certamente, as vantagens da cooperação entre os planetas, entendem?

– Concordo, disse vovó Donana, quanto mais a gente vive e aprende, mais se convence de que a violência e as agressões são um grande desperdício de energia.

Para Daniel, que estava há alguns meses desempregado, a maioria dos problemas eram vistos sob a ótica econômica. Já estava virando uma mania. Ele introduzia esse assunto sempre que tinha uma oportunidade, como agora.

– É o que sempre digo. Estamos vivendo num sistema econômico globalizado, no qual se torna quase impossível responsabilizar alguém pelos erros. Pronto! O capital financeiro assumiu poder de fato, que está acima da política e da sociedade. Ele não é controlado por nenhum governo. Deus nos livre!

Lucas achava essas filosofias uma chatura sem tamanho. Para mudar de assunto, perguntou a Ang:

– Onde é que vocês estão trabalhando, neste momento?

Os homens se entreolharam. Eles não gostavam de falar sobre isso. Seu laboratório era um segredo muito bem guardado, para evitar a espionagem industrial. Eles tinham feito um grande número de descobertas, mas a maioria não devia ser divulgada, pensavam. Elas poderiam fazer mais mal do que bem, se os homens não estivessem preparados para utilizá-las. Por outro lado, poderiam ser muito lucrativas, se caíssem em mãos erradas...

– Não podemos revelar – disse simplesmente o professor Felício.

Ele viu o desapontamento no rosto dos hóspedes.

– Vou-lhes dizer, no entanto, qual é o nosso principal objeto de pesquisa neste momento. Estamos desenvolvendo formas de utilizar melhor a energia solar, para substituir as atuais fontes de energia. Como vocês sabem, aqui na Terra se usa a energia solar não é de hoje. Por exemplo, para produzir alimentos, mediante a fotossíntese, não é mesmo? Essa é uma tecnologia conhecida das plantas há milhões de anos, mas somente há pouco tempo foi percebida pelos homens, que começam a entender que a luz do sol é energia renovável, muito econômica e que não faz qualquer mal ao meio-ambiente. Captou? Quanto maior a civilização, mais essa energia será usada – concluiu o professor.

– Só espero que nossa atual civilização não acabe com tudo, antes de atingirmos esse estágio – suspirou Laura.

– Talvez eu esteja errada, mas desconfio que na raiz de nossos problemas esteja a injustiça, mais do que a tecnologia – declarou vovó Donana.

– Concordo com a senhora – disse o genro. – Olha, mesmo as leis que são justas, e não são muitas, acabam sendo aplicadas de maneira injusta. Elas não valem para todos. Aqui no Brasil, quem tem bom advogado nunca vai para a cadeia, que parece ser feita só para os pobres. Principalmente para os pobres negros.

– Epa, sobrou pra você – disse Lucas, cutucando Tonho.

– Mas isso é verdade de vera – retrucou Tonho, resignado.

O jornalista prosseguiu:

– O símbolo da Justiça é aquela deusa grega, Temis, que tem uma venda nos olhos, para significar que ela distribui justiça sem fazer distinção entre as pessoas. Mas, vocês conhecem este verso: *“De Temis será lembrada/ a história controvertida:/ ora peituda e vendada/ ora peitada e vendida”*.

No dia seguinte, Lucas passou boa parte da tarde deitado de costas no gramado, pensando e observando as nuvens. Esparsas e brancas, elas desenhavam, na imaginação do garoto, imponentes castelos, altas montanhas e vales profundos. Uma paisagem instável, habitada por estranhos animais. Eles se transformavam tão rapidamente como surgiam, enquanto as nuvens se movimentavam, como a pastar no campo azul do céu, pastoreadas pelos ventos gelados das alturas. “Como seria a vida na Terra, daqui a milhares de anos, com o avançar da ciência e da tecnologia?”, pensava.

Foi a primeira pergunta que ele fez, naquela noite, quando todos se sentaram em volta da gamela de biscoitos fritos da vovó.

– É difícil saber, mas podemos imaginar – disse Ang, uma especialista em ecologia. – Sim, se os cientistas tiverem vez alguma vez no destino do mundo, sobrepondo suas idéias às dos economistas e políticos, posso bem imaginar uma paisagem terrestre do futuro. Mirem! A superfície está toda dominada pela natureza. Não existem rodovias, aeroportos ou cidades. A vida civilizada se encontra lá embaixo, a pelo menos um quilômetro de profundidade. Lá no fundo estão as cidades, bem protegidas de todas as intempéries ...

– Lindo! E existem muitos animais no mundo? – perguntou Soninha.

– Sim, é claro. Em maior variedade e em número muito maior do que agora. Eles vivem soltos, livres da ameaça dos caçadores, mas competindo entre si pela sobrevivência. Você sabe: a eterna luta pela vida. Felizmente, sem a participação assassina dos homens.

– Pois fazem muito bem em não caçar os animais – disse vovó Donana. – Existe um versículo da Bíblia que diz assim: “Cachorro vivo é melhor do que leão morto”.

Ela fez uma pausa, observando Lucas, que vivia infernizando a vida dos passarinhos, com seu estilingue. Desapontada, vovó se dirigiu a Ang:

– Qual a vantagem de se viver em cavernas, como tatus? – perguntou.

CAPÍTULO VII

EM QUE OS HOMENS DAS CAVERNAS PODEM SER MAIS FELIZES DO QUE MORADORES DE ARRANHA-CÉUS.

Todos riram, com gosto. Ang então passou a descrever as vantagens da vida subterrânea, em imensas cavernas naturais ou escavadas pelos habitantes da Terra.

– Essas cavernas são tão grandes, que têm até atmosfera própria, com nuvens, trovoadas e muita chuva. São parecidas com aquela nave interestelar de que já falamos. Reparem! Há rios, lagos, árvores e pássaros. Tudo é completamente reciclado, como se cada caverna fosse um mundo à parte – descreveu, sonhadora, a ecologista.

– Os geólogos – ponderou Daniel – afirmam que a temperatura no interior da Terra aumenta 30 graus centígrados a cada quilômetro de profundidade. Isso não tornaria seu projeto de civilização um tanto desconfortável?

– Não, de modo algum – respondeu o professor. – Isso não impede que tenhamos em nossas cavernas uma excelente temperatura. A tecnologia não é das mais complicadas.

Por alguns momentos, todos ficaram mudos, digerindo aquelas possibilidades para a vida terrestre, num paraíso redescoberto pela ciência. O professor Felício rompeu o silêncio:

– Amanhã cedo, vamos mostrar um pequeno exemplo desse novo mundo: a mina que estamos explorando debaixo do buraco de tatu. Vocês terão uma idéia das possibilidades da vida subterrânea. Na verdade, os homens começaram a perceber algumas vantagens. Há mais de um século, construíram o primeiro metrô, nos subterrâneos de Londres. Hoje, esses metrôs estão espalhados por quase todas as metrópoles. Os japoneses, que têm problemas de superpopulação, estão construindo edifícios no subsolo de Tóquio.

No dia seguinte, todos acordaram com os passarinhos, bem cedo.

O Sol mal despontara e os primeiros biscoitos fritos da vovó estavam sendo escaudados na grande panela de ferro, sobre a chapa quente do fogão de lenha.

Às sete horas, postavam-se os moradores do sítio diante do buraco de tatu, intrigados. Os tripulantes da espaçonave estavam invisíveis. Lucas, para acentuar o espírito de aventura, botara na cabeça um velho capacete, reminiscência do jogo de guerra, um presente do tio Homero para o aniversário dos sete anos. Soninha expressou a dúvida que ia à cuca de todos:

– Esse buraco aí não cabe a gente! – apontou a menina.
– Como vamos entrar? – quis saber Carol. – Vamos ser encolhidos?
– Bobagem! – criticou Lucas. – Vocês não viram como eles fizeram para entrar?
– Vi, é claro! Mas, do mesmo jeito que aumentaram o buraco, podiam ter usado o aparelho para diminuir seu próprio tamanho – argumentou Carol.

Uma voz parecida com a do professor explicou:

– É possível, obviamente, aumentar e diminuir o tamanho de coisas, mas é muito perigoso fazer isso com seres vivos. Usando grande quantidade de energia, podemos expandir ou diminuir o espaço entre um átomo e outro, aumentando ou reduzindo o tamanho dos objetos. No entanto, certamente é muito perigo experimentar fazer a mesma coisa com os trilhões de neurônios de nosso cérebro.

– E se vocês nos tele transportassem para dentro da caverna? – sugeriu Lucas, que gostava de filmes de ficção-científica.

– Seria o mesmo problema – resumiu a voz, sem dar maiores explicações.

O buraco do tatu foi ampliado, momentaneamente, para que todos entrassem, sem maiores dificuldades.

Eles se encontravam, agora, num amplo salão, com paredes de pedras. Numa delas, havia uma abertura, como porta de elevador. Novamente visível, o professor Felício fez sinal para que todos o acompanhassem. Era realmente um elevador. Quando entraram, ele se pôs em movimento descendente. Momentos depois, Inf anunciou:

– Já descemos 600 metros.

O elevador parou sem qualquer solavanco e a porta se abriu, revelando imensa caverna, cheia de túneis escavados na rocha.

– Parece a Gruta da Lapinha! – comparou Bruna, sem muita convicção.

Ela não era tão boa como a vovó, para inventar parecenças.

– Qualquer coincidência é mera semelhança... – brincou o irmão.

– Tá bom, tá bom – concordou Bruna. – Não tem mesmo estalactites e estala...

Ela se calou, encabulada.

– Estalagmites! – gritou Soninha, para espanto geral.

– Ora, muito bem! – aplaudiu a mãe, orgulhosa da caçulinha.

– Sabe mesmo com o que isso aqui se parece? – reparou Lucas. – Tá na cara, é com a Mina de Morro Velho...

Ninguém discordou, porque nenhum deles tinha noção da aparência dessa gigantesca mina de ouro de Nova Lima. Resolvida essa questão, o professor Felício começou a caminhar para um dos túneis. Ia explicando:

– Luca tem razão num ponto: isso aqui é mesmo uma mina. Escavamos as rochas, procurando metais raros, que para nós valem mais do que ouro, para serem transformados em várias ligas. Com elas, restauramos partes danificadas de nossa nave. Para fabricar as ligas, tivemos que montar uma fundição, como vocês verão logo adiante. Capiscou?

– Ok, mas como puderam fazer isso em tão pouco tempo? – admirou-se vovó, começando a compreender como seria a vida subterrânea criada pelos cientistas.

– A maior parte do trabalho foi feito pelo nosso computador de bordo – esclareceu o professor. – Na memória dele estão gravados padrões para a montagem de usinas e refinarias, entre outras coisas. Ele pode reconstituir cada átomo e molécula retirados das rochas, transformando as pedras em peças para nossa fundição. E pode fazê-lo por tele transporte, como Luca sugeriu há pouco.

O rosto do garoto irradiou satisfação. Mas, para surpresa das irmãs, permaneceu em modesto silêncio. O grupo se aproximava da parte central da caverna. Soninha foi a primeira a reagir à paisagem que se descortinava à saída do túnel:

– Que malavilha! – gritou ela, trocando a letra, na afobação.

Seu dedinho indicador apontava para uma pequena usina, montada no meio da gruta.

– Está parecendo a Açominas – comparou vovó, para variar.

– Ta bom... Um filhotinho da Açominas – caçoou o neto.

– Podemos brincar lá? – pediu Soninha.

– Claro! – concordou o professor.

Os meninos correram para a siderúrgica em miniatura. Durante horas, ligaram e desligaram equipamentos. Alguns cientistas observavam de perto, para evitar acidentes.

O professor informou que tudo seria novamente desintegrado, antes de recomeçarem a viagem. A usina e a caverna sumiriam tão rapidamente como haviam sido construídas pelo computador. Laura achou isso um grande desperdício.

– Ora, por que vocês não deixam como está? Os meninos iriam adorar ter esse parque de diversões no meio do quintal!

– Lamento, mas não podemos – explicou o professor. – Não devemos deixar rastros dessas nossas desconhecidas atividades. Como já disse, não é o momento. Para falar a verdade, não sei quando será. É preciso estar bem preparado, para se usar novas tecnologias que mexem tanto com a natureza.

Daniel não ficou inteiramente convencido:

– Já aprendemos muitas coisas com vocês – disse. – E poderemos transmitir esses novos conhecimentos aos outros.

– Bem, poder, podem – admitiu o professor Felício. – Mas quem vai acreditar nisso? Será mais uma ficção escrita por um jornalista. Por exemplo, o aparelho da invisibilidade. Vocês o viram, sabem que ele funciona, mas dificilmente vão construir igual, para comprovar que estão dizendo a verdade.

– Mesmo assim, estou tentado a escrever uma grande reportagem para contar os acontecimentos dos últimos dias – anunciou o jornalista.

O professor não se abalou e nem pediu segredo. Disse apenas:

– Tenho certeza de que será uma história bem interessante. Como tantas outras belas histórias de ficção científica...

Daniel se calou. A questão da realidade é muito complicada. Monteiro Lobato, por exemplo, dizia que o Mundo da Fábula não é nenhum mundo de mentira. O genial criador da boneca Emília argumentava: “O que existe na imaginação de milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro”. Será?

Ang sentia a decepção nos rostos do pessoal do sítio. Tentou amenizá-la:

– Não há motivos, gente, para se apressar o avanço da ciência e da tecnologia. De qualquer forma, ele é muito rápido, quando se atinge determinado estágio. Vejam o que aconteceu nos últimos séculos. Hoje um estudante de primeiro grau, de 12 anos, conhece muito mais coisas do que um velho sábio na Idade Média.

– Bem, isso é verdade – concordou o jornalista. – Numa única geração, entre 1810 e 1840, se fez mais progresso em cada ramo da ciência, do que em toda a história anterior da humanidade.

Vovó Donana riu, assentindo com a cabeça:

– O progresso foi tão espantoso, que no tempo em que minha avó era menina uma autoridade sugeriu, nos Estados Unidos, que se fechasse o Departamento de Registro de Patentes. Ele supunha que tudo já tinha sido inventado...

– Ora – admirou-se Laura –, eles estavam longe de imaginar, naquela época, que poderia haver televisão, computador, fax, cinema e viagem espacial...

– Isso não é nada, comparado com o que escreveu, em 1728, um escritor chamado William Law: “O que você pode conceber de mais idiota e extravagante, do que supor um homem torturando seu cérebro e estudando, noite e dia, uma forma de voar?”. Imagina se ele ressuscitasse hoje e olhasse para o céu – riu Ang.

– Taí um homem que não acreditava em bruxas – observou vovó. – No tempo dele, muita gente pensava que elas pudessem voar, montadas num cabo de vassoura. Ainda hoje, há quem acredite nisso...

CAPÍTULO VIII

EM QUE AS PEDRAS BRUTAS SE TRANSFORMAM EM SABOROSOS PRATOS DA COMIDA TÍPICA MINEIRA.

O professor anunciou que aquele seria dia de folga. Todos podiam ficar ali quanto tempo quisessem.

– Vocês são nossos convidados para o almoço. Vamos servir aqui mesmo – acrescentou ele.

Todos olharam em volta, perplexos. Não havia qualquer sinal de cozinha, por perto. Nem mesmo de mesa e cadeiras.

– Não se preocupem – tranquilizou Eng. – Nosso cozinheiro é o computador de bordo.

Na hora certa, lá estava a comida, fumegante, sobre uma mesa que aparecera como por encanto. O cheiro era delicioso!

– Qual foi a mágica, desta vez? – perguntou Laura, a boca salivando.

– Sem mágica. O computador apenas usou o material à nossa volta, para selecionar o cardápio – disse Eng, misteriosamente.

A essa altura, o pessoal estava disposto a aceitar qualquer coisa, até esse absurdo. Em volta, só havia paredões de pedras!

– Não posso garantir que elas sejam tão saborosas como os biscoitos da vovó, mas são muito nutritivas – afirmou o professor.

O melhor, pois, era experimentar.

– Como disse Cervantes, é comendo que se prova o pudim – citou vovó Donana, empunhando, resignadamente, garfo e faca.

Para sua surpresa, o cozinheiro caprichara. Ele fez questão de servir pratos típicos: feijão tropeiro, frango a passarinho e tutu à mineira. Logo, todos se esqueceram da indigesta rocha presente na origem de tudo aquilo.

A conversa se estendeu pelo resto da tarde, enquanto os meninos e Tonho se divertiam na imensidão da caverna. No fim, estavam todos muito cansados, prontos para irem para casa. O professor, porém, lhes reservava outra surpresa. Ele entrou na usina e voltou com um pacote, embrulhado num papel de presente. Ofereceu-o a Laura:

– Uma lembrancinha nossa – disse.

A psicóloga recebeu o presente e... deixou-o cair no chão.

– Como é pesado! – exclamou.

Ao ser desembrulhado, Lucas berrou:

– É ouro, mãe! Ouro!

Verdade! Durante as escavações, os visitantes encontraram ouro. Certamente, ele não representava uma ameaça à evolução natural dos amáveis anfitriões. E lá se fora a preocupação da família com os problemas imediatos causados pelo desemprego de Daniel.. Eles vinham atormentando toda a família, mesmo que ninguém o admitisse. E os problemas foram resolvidos de repente, não por um passe de mágica, mas por um metal brilhante e amarelo. Um metal duro e frio, como aqueles pacotes econômicos que o governo joga sobre os ombros do povo brasileiro, prometendo, desta vez, resolver os problemas...

Começava a escurecer quando saíram da mina. No lusco-fusco, o coronel Hans, atrás de seu telescópio, observou o buraco do tatu se abrindo, mais uma vez.

No dia seguinte, os visitantes fizeram os últimos reparos na nave. E destruíram tudo que pudesse indicar sua passagem pelo sítio.

Foi um trabalho silencioso, e sem qualquer reflexo na superfície. Em pouco tempo, não havia mais caverna. Cada átomo voltara a seu local de origem. Cada elétron ocupando sua órbita original, em volta do núcleo. Daniel lera muito sobre a teoria atômica e sabia do enorme dispêndio de energia requerida para se fazer aquilo. Mas nem se deu ao trabalho de pedir uma explicação, certo de que ela seria negada.

– Podemos partir a qualquer momento – anunciou o professor para a família ansiosa, em volta da mesa da cozinha.

– Mas, no entanto, porém, todavia... está tão bom aqui, que não temos nenhuma pressa – tranqüilizou Ang, estendendo a mão para a gamela de biscoitos.

Lucas sentia-se confuso. Ele sabia, desde o começo, que o tio Felício e seus amigos – tão misteriosos, que até seus nomes verdadeiros permaneciam uma incógnita – não ficariam muito tempo no sítio. Mas revoltava-se, intimamente, com a possibilidade de eles partirem logo, deixando sem respostas tantas questões importantes.

Interrompendo esses pensamentos, o professor anunciou:

– Amanhã, vamos tirar mais um dia de folga. Vocês topam um passeio de disco-voador?

– TOPAMOS!!! – gritaram os meninos, como num coro bem ensaiado.

– Perfeito! E vai ser de graça – brincou Ing.

– Oba! Aonde vamos? – berrou Lucas.

– Podem escolher. Temos rota para qualquer lugar da Terra.

Começou uma discussão, que parecia não ter fim. Cada um queria um lugar. Paris. Londres. Moscou. São Francisco. Himalaia. Curdistão. Pólo Norte. Austrália. Lisboa...

Os tripulantes se divertiam com essa confusão animada de palpites.

– A oferta vale só para o tempo presente, ou podemos escolher passado e futuro?
– perguntou Daniel, para por mais lenha na fogueira.

Todos embarcaram nessa brincadeira.

– Vamos para Atenas e fazer uma visita ao Sócrates! – sugeriu vovó.

– Não, para Roma. Pra ver uma luta dos gladiadores, no Coliseu! – gritou Lucas.

– Eu prefiro ver a Cleópatra! – declarou Daniel.

– Cuidado com o imperador Júlio César! – advertiu Laura, rindo.

Todos riam, a cada bobagem. Com aqueles cientistas ali, todas as fantasias pareciam tão simples e normais!

Finalmente, o roteiro da viagem foi posto em votação. Cada cabeça, um voto. Ganhou a viagem ao Himalaia. Afinal, ninguém ali queria desperdiçar essa oportunidade única de conhecer o teto do mundo.

Durante toda a conversa Tonho permaneceu em silêncio, mas ninguém reparou.

A viagem começaria no dia seguinte, bem cedo. Isso resolvido, eles começaram a conversar sobre outras coisas.

Soninha não parecia interessada, desta vez. Deitada num canto da cozinha, ela escrevia alguma coisa numa folha de papel. A menina havia aprendido a ler e escrever, enquanto brincava de escolinha com as irmãs. A intensa atividade intelectual no sítio, desde a chegada dos cientistas, estimulava ainda mais sua criatividade. Três dias antes, quando a mãe anunciara que ia à vila, para as compras, Soninha gritou:

– Eu faço a lista!

Ela rabiscou cuidadosamente num papel cada palavra: larãnga, macarãõ, cerega, tsiprinçe, banana, mamã, abacati. Ao lado de cada palavra, fez um desenho. Mesmo sem a ilustração, a mãe só teve dificuldades com a quarta palavra da lista. Soninha esclareceu:

– Uai, mãe! Não tá vendo? É espinafre!

Agora, a menina estendia ao professor a folha de papel, que acabara de preencher.

– É uma cartinha, pra vocês não se esquecerem de mim... – explicou.

O professor apanhou o papel, curioso. Mas, foi interrompido por Soninha, ao começar a ler.

– Não! – gritou ela. – É pra ler lá no céu, quando forem ao Cinturão do Tonho. Todos se emocionaram.

O professor lamentou não ter trazido algum brinquedo para presentear os encantadores sobrinhos. Bem, havia alguma coisa que certamente alegraria a criançada. Ele cochichou no ouvido de Ang, que acenou concordando. Ela vestiu uma luva e pronunciou uma palavra na sua língua. Instantaneamente, apareceu tele transportado pelo computador o aparelhinho da invisibilidade, parecido com uma pulseira. O professor explicou:

– Esse brinquedo é para vocês. Como irmão mais velho, Luca, você fica responsável por ele. Sua existência é segredo da família... e do Tonho, é claro. Nenhuma pessoa, a não ser que vocês tenham a máxima confiança nela, deve conhecer o segredo. Fora do sítio – e sem um de vocês por perto – o aparelho se autodestrói em 24 horas. Mesmo antes de terminar esse prazo, é possível detonar o aparelho. Se souberem que ele está com alguém que certamente não fará bom uso dele, basta apertar esse botão – disse o professor, mostrando outra pulseira – que o aparelho desaparece imediatamente, e nunca mais reaparece. Outra coisa: com esta luva, é possível segurar o aparelho, sem ficar invisível.

Entusiasmo geral, entre a meninada. A alegria era tanta, que contagiou a todos. Ali mesmo, fizeram várias experiências, desaparecendo e reaparecendo nos lugares mais inesperados. Todos se divertiam, como nunca!

Era quase meia-noite, mas o professor tinha uma última providência a tomar. Felício deu outra ordem ao computador. Ele atendeu imediatamente, fornecendo um frasco de comprimidos, que foram distribuídos a todos os presentes. O professor explicou que era para aumentar os glóbulos vermelhos do sangue. Desse modo, suportariam melhor a altitude do Everest.

CAPÍTULO IX

ONDE TONHO DESAPARECE MISTERIOSAMENTE MOMENTOS ANTES DE EMBARCAR NO DISCO-VOADOR.

Naquela mesma hora, a milhares de quilômetros dali, Sir John Kelves e equipe descansavam no acampamento. Faltavam pouco mais de cem metros para atingirem o píncaro da montanha mais alta do mundo, a 8.848 metros acima do nível do mar.

Os seis homens estavam exaustos, depois de dias e noites de nervos expostos ao vento gelado e uivante, aos estranhos ruídos do gelo em movimento, na paisagem fantasmagórica do Himalaia.

Dias atrás, eles chegaram de avião a uma pequena cidade, chamada Namchi, a trinta quilômetros do Everest. Começaram ali a escalada até a geleira de Khumbu, numa altitude de 5.500 metros, onde ficaram descansando por dois dias. Faziam também uma dieta especial, para aumentar os glóbulos vermelhos do sangue, antes de tentarem a escalada final.

Desde 1953, quando o Everest foi conquistado pela expedição comandada pelo neozelandês Edmundo Hillary e pelo tibetano Tenzing Norkay, cerca de 4 mil pessoas tentaram repetir a façanha. Mais de 600, inclusive dois brasileiros, tiveram êxito. Mas o Everest é ainda um grande desafio, e todos os anos morrem pessoas destemidas tentando reconquistá-lo. Em 1996, um forte vendaval castigou uma expedição de 20 alpinistas, matando oito. Ao todo, pelo menos 150 já morreram durante a subida da montanha. Alguns deles, quando faziam o caminho de volta, após atingir o cume.

Sir John Kelves e seus companheiros tentavam a escalada, usando as mesmas trilhas dos precursores. Eles carregavam pesadas mochilas, para garantir a sobrevivência por vários dias. Eram obrigados a subir, freqüentemente, superfícies verticais de rochas geladas, usando apenas as mãos para impulsionar o corpo, suspensos sobre o abismo, o vento zumbindo em seus ouvidos.

Eram também freqüentes os vendavais. Davam sorte, quando havia tempo para armar as barracas de náilon, sobre algum platô. Durante os vendavais, a direção do vento mudava a cada momento. A barraca evitava o enregelamento total, mas não era abrigo seguro contra os terrores. Os homens procuravam não pensar nas surpresas que o Everest ocultava, em cada reentrância de suas rochas. Ainda se lembravam da ira de Sir John, quando o mais jovem deles, num momento de pavor, se pôs a rezar.

Sir John não acreditava nas orações e no sobrenatural. Para ele, isso era superstição. E arrematava: superstição é a religião das mentes febris. Ele não admitia ser impos-

sível remover a religião, removendo-se a superstição. Via, em ambas, um medo sem sentido de Deus.

Uma noite mais, e alcançariam o cume do Everest. Sir John esperava que seus homens conquistassem também a totalidade de seus medos.

No sítio, o dia começou ainda mais cedo do que o normal. O pessoal pulou da cama e tomou café da manhã, bem reforçado. Eles engoliram outra pílula oferecida pelos extraterrestres. Dali a pouco, estavam prontos para o embarque na nave. Leão ficaria no Periquito Banguelo, para tomar conta.

E o Tonho? Ele não havia aparecido. Depois de procurá-lo por todos os cantos, desistiram.

– Deu cagaço nele, por medo de viajar no disco-voador – sugeriu impiedosamente Lucas.

Por precaução, o disco-voador e seus tripulantes continuavam invisíveis. Eles subiram por uma escada também invisível, guiados por mãos fantasmagóricas.

Quando atravessavam a porta, no entanto, as coisas se tornavam visíveis. Era a primeira vez que eles tinham sido convidados a entrar. A nave não sugeria em nada um avião. Podia-se ver tudo do lado de fora, através de painéis parecidos com nossas televisões, mas muito mais nítidos. Eles podiam também aproximar e aumentar a paisagem externa. Não havia janelas, como nos aviões. O painel de instrumentos, por sua vez, não se parecia com nada que Daniel tivesse visto.

A nave tinha várias divisões internas. “É como uma casa, mas completamente diferente”, pensou Vovó, meio atrapalhada em sua comparação. Não havia vasos sanitários e chuveiros, por exemplo. Nem cozinha. O professor Felício explicou que o computador de bordo era o cozinheiro. Era ele também que reciclava tudo que se consumia ou se expelia dentro desse pequeno mundo. Daí não haver necessidade de vaso sanitário. Existia um compartimento, que era usado pela tripulação para as necessidades fisiológicas. Os excrementos eram instantaneamente decompostos em seus elementos, ao serem expelidos. A limpeza do corpo era feita por sistema parecido, não havendo, portanto, necessidade de banho.

Não havia qualquer tipo de móvel. Mas Ung explicou que bastava desejar qualquer coisa – uma cadeira, por exemplo – para ela imediatamente aparecer, fabricada pelo computador.

A meninada adorou essa novidade. Soninha pensou numa boneca lourinha, lá estava a bonequinha loura mais bonita que havia visto. Bruna gostou da idéia e desejou uma boneca morena, e ganhou. Até Carol quis uma. Lucas preferiu uma bola de futebol.

Por um bom tempo, eles foram trocando de brinquedo – porque era só pedir, pelo pensamento, que um brinquedo desaparecia, com a mesma instantaneidade.

Quando se deram conta, estavam no espaço! Eles não tinham sentido qualquer coisa diferente.

CAPÍTULO X

NO QUE O AVENTUREIRO INGLÊS É SURPREENDIDO EM PLENO HIMALAIA POR UM FANTASMA HILARIANTE.

Daniel, porém, ficou surpreso. Ele conhecia os efeitos causados ao organismo pela aceleração rápida. Pediu explicação ao professor. A resposta foi tão complicada – de propósito, desconfiou Daniel – que desistiu de entender.

Dez minutos depois, olhando pelo painel, Lucas verificou que a nave havia pousado de novo.

– Já chegamos ao Everest? – espantou-se o menino.

– Não – riu Felício. – Estamos fazendo uma surpresa. Vocês vão conhecer antes os Andes, na Bolívia. Estamos agora no pico Sajama. Ele tem 6.520 metros de altitude. Além da beleza do lugar, essa escala vai servir também para vocês se acostumarem com a altitude.

– Massa! – exclamou Carol.

Os tripulantes ofereceram aos visitantes vestimentas especiais, para agüentarem o frio. Depois, todos desceram. Ali não havia necessidade de ficarem invisíveis, porque o lugar era completamente deserto. Não existia homem a menos de 400 quilômetros do Sajama, nesta época do ano.

A vista era deslumbrante. O céu estava claro, sem nuvens. O Sol se erguia acima de um mar de picos nevados. As montanhas mais altas captavam seus raios, deixando os vales profundos entregues às sombras. Esse contraste formava desenhos extraordinários, na paisagem magnífica.

O cenário era tão impressionante, que por vários minutos todos apenas o contemplavam, em silêncio profundo. As pílulas fornecidas pelo professor eram excelentes. Mesmo vovó Donana não sentia qualquer dificuldade para respirar, naquela atmosfera rarefeita de oxigênio.

E ninguém sentia frio, dentro daquelas roupas, apesar da temperatura ambiente estar, provavelmente, 50 graus abaixo de zero.

Depois de algum tempo, eles estavam prontos para embarcar novamente, rumo ao Himalaia.

Meia hora depois, tinham chegado ao destino!

A nave havia viajado invisível e continuava assim, para evitar qualquer risco. O Everest era ponto isolado, mas era também atração turística. Naquele momento, uma

expedição se aproximava do pico. Por isso, eles haviam escolhido um ponto mais discreto para o pouso.

Antes de sair da nave, cada um vestiu uma pulseira, recobrando-os com o manto da invisibilidade.

A proximidade dos estranhos era um inconveniente, pois não podiam conversar em voz alta. A paisagem revelava-se magnífica, mais que a dos Andes. Mas, de certa forma, o fato de terem estado pouco antes no Sajama tirava o impacto. Além disso, boa parte dos picos do Himalaia estavam cobertos pelo imenso véu de nuvens, lá embaixo.

Depois de observarem rapidamente os picos nevados, a atenção se voltou para os seis homens que caminhavam penosamente, escalando os últimos metros para chegar ao topo do Everest. A exaustão marcava seus rostos, mas os olhos brilhavam de excitação pela vitória. Quando chegaram ao ponto mais alto, Sir John retirou da mochila, com as mãos trêmulas, uma bandeira inglesa. Dois homens quebraram o gelo, para fincar pequeno mastro de metal. Enquanto o comandante da expedição hasteava a bandeira, ladeado por quatro homens, o sexto tirava fotos. Depois, este trocou de lugar com outro. Finalmente, todos se juntaram, para serem fotografados mediante o dispositivo automático da máquina.

Lucas, sempre muito prestativo, pensou em se oferecer para bater a foto, mas compreendeu que seria impossível, em seu estado atual de menino invisível.

O grupo fazia poses imponentes, para as fotos. Vistos assim, eles eram meio ridículos. Quando um deles caiu, ao ir preparar novamente a máquina, a cena ficou realmente engraçada. Soninha não resistiu: caiu na gargalhada.

Instantaneamente, os seis aventureiros estacaram, pálidos de susto. Vencido o primeiro impacto, eles pesquisaram em volta, tentando descobrir explicação para aquele som extraordinário – um riso de criança, em pleno pico do Himalaia!

– Um fantasma! – exclamou, finalmente, o mais jovem dos homens.

Ele falava em inglês, é claro, mas Ang ia traduzindo baixinho para os amigos brasileiros.

– Bobagem! Isso não existe – ralhou Sir John. – Vocês também ouviram gargalhada de criança?

Todos acenaram com a cabeça.

– Ora, tivemos alucinação coletiva, por causa do cansaço... – concluiu o comandante da expedição.

E ficaria por isso mesmo, se não tivesse ocorrido a Lucas se divertir com os gringos. Sem que os outros pudessem interferir, ele correu e apanhou um pedaço de gelo, retirado do buraco feito para fincar o mastro da bandeira.

O menino lançou com força o gelo, acertando em cheio a testa de Sir John.

O aventureiro quase caiu no chão, de susto. A cara de Sir John foi tão engraçada, que as três meninas não agüentaram: quase morreram de rir. Por um instante, os seis homens ficaram imóveis, como que petrificados. Depois, eles fugiram sobre seus rastros, numa desabalada carreira. Por sorte, não haviam retirado as mochilas das costas, porque não teriam sobrevivido sem elas. Alguns teriam preferido morrer, a voltar para apanhá-las.

Agora, Sir John não tinha dúvidas. Não era nenhuma ilusão coletiva! Era fantasma, de verdade!

E mais de um!...

Os adultos também caíram na gargalhada, quando os ingleses fugiram, tropeçando, caindo, se levantando, correndo, caindo de novo.

Agora que os ingleses estavam bem longe, e não demonstravam qualquer intenção de voltar, eles puderam conversar à vontade.

– Esses aí vão ter boa história para contar, quando voltarem à Inglaterra – comentou vovó.

– Logo os ingleses, que adoram histórias de fantasmas – concordou o genro.

– E nós até que somos uns fantasmilhas bem camaradas... – comentou Lucas, sem sinal de arrependimento pelo que fizera com o pobre Sir John.

– Eles são durões! – exclamou Carol. – Se fosse eu, tinha feito xixi nas calças...

Nesse ponto, todos concordaram.

– Eu tinha lido muitas histórias de monstros no Himalaia; mas é a primeira vez que alguém vai ter uma história com os fantasmas do Everest – previu o jornalista.

– É mesmo! – concordou Laura. – Aparição por essas bandas, que eu saiba, é a do Abominável Homem das Neves... Vocês viram algum? – perguntou ela aos cientistas.

– Nunca, mas conhecemos bem essa lenda – disse Ung. – Os nepaleses chamam esse monstro de yeti. É um mito que surgiu há mais de século. Segundo o que se conta aqui, ele é maior do que um homem e muito perigoso. Jamais foi capturado ou fotografado. Mas os nativos das tribos montanhesas dizem que viram pegadas dele na neve. E alguns afirmam que em mosteiros inacessíveis do Himalaia existem até pedaços de pele do monstro...

Soninha olhou em volta, preocupada, e pediu:

– Mãe, vamos embora?

– Você também está com medo de fantasma? – caçou Bruna.

– Claro que não, Bruna! Eu sei que não existe fantasma. Tou com medo é do monstro – explicou a menina.

Todos riram, mas concordaram que estava na hora de irem embora.

– Vamos dar uma chegadinha a Paris? – pediu Lucas ao professor.

– Por que não? Vamos lá – comandou o professor.

Todos correram para entrar na nave. Lucas chegou primeiro, e se atrapalhou, levando o maior tombo na pequena escada.

Ao se levantar, pensou nos ingleses.

– Ainda bem que os gringos não me viram! Eles perderam boa chance de se vingarem – comentou Lucas, para diversão geral.

Foi uma experiência inesquecível, visitar Paris a bordo do disco-voador!

Os cientistas tinham estado ali muitas vezes. Conheciam bem cada edifício histórico. Haviam passado noites em Versalhes e nos outros museus, pesquisando invisíveis, para não serem incomodados.

CAPÍTULO XI

ONDE LUCAS SE ORGULHA E A SEGUIR SE REVOLTA COM A PRESENÇA DO IPÊ DO AMAZONAS EM PARIS.

Ilha da Cité, parte mais antiga da cidade. Louvre e o Arco do Carrossel. Montmartre. Sorbonne. Colina de Sainte–Geneviève, com as tradicionais escolas e conventos. Rio Sena e seus afluentes, Oise, Marne e Yonne. Catedral de Notre–Dame, um marco da Idade Média. Teatro da Ópera. Palácio dos Inválidos, com o túmulo de Napoleão. Paris!

Entre os meninos, o que fez mais sucesso foi a Torre Eiffel, com seus 300 metros de altura. A pedido deles, o disco–voador circulou a torre várias vezes.

Para vovó Donana, o que mais impressionou não foram as antigüidades de Paris, mas a visão da novíssima Biblioteca Nacional da França, mandada construir pelo presidente François Mitterrand. Ela é formada por quatro torres de vidro em forma de “L”, como um livro aberto, cada uma com 78 metros de altura. Essas torres encerram 12 milhões de títulos de livros e revistas, em 400 quilômetros de estantes!

– É a prova de que Paris é sempre Paris! Os franceses investiram nessa obra mais de 1 bilhão 500 milhões de dólares – disse vovó.

– Aquela plataforma ali, na esplanada central da biblioteca, foi revestida com ipê do Amazonas – apontou Ang.

– É mesmo? – gritou Lucas. – Quer dizer que parte do Brasil está aqui?!

– E por que esse ar de triunfo? – ralhou vovó Donana. – Esse tipo de ipê é espécie ameaçada de extinção. É a única parte que não me agradou, nesse projeto. Segundo alguns ecologistas, para construir aquela plataforma, foram abatidas quase 4 mil árvores!

– E por que deixaram? – revoltou–se Lucas, já esquecido do orgulho de pouco antes.

– Isso não é muito, considerando–se tudo o que sai da Amazônia, sem que as autoridades brasileiras tomem qualquer providência – informou o pai.

– É verdade que a floresta amazônica está sendo vendida aos poucos para os estrangeiros? – quis saber Carol.

– É possível – admitiu o pai. – Na década de 70, companhias multinacionais gigantes, como a Goodyear, a Volkswagen e a Nestlé, compraram milhões de hectares na bacia do rio Amazonas e desmataram com buldôzeres a floresta, para criar gado para exportação. Pior do que isso foi o projeto de um norte–americano, cujo nome não me

lembro agora. Por pouco, ele convencia o ditador militar de plantão a construir imenso lago, que cobriria boa parte da floresta amazônica.

– Coisa de doido! – classificou vovó Donana.

– Felizmente, o projeto fracassou. Mas a maluquice continua, pois vastas áreas das florestas tropicais estão sendo desmatadas ainda agora – acrescentou Inf.

Os cientistas também se rebelavam contra isso, mas pouco ou nada podiam fazer para impedir. Ung explicou os motivos de suas preocupações:

– As chuvas tropicais torrenciais e o sol equatorial na terra desmatada podem deflagrar reações em cadeia e alterar o clima no mundo inteiro. Se as empresas não forem obrigadas a parar com essa atividade, grandes pedaços do Norte do Brasil podem se transformar em breve num deserto como o Saara. E isso é uma pena, porque as florestas tropicais são as áreas mais ricas em vida do planeta. A Amazônia, por exemplo, é o *habitat* do maior felino da América Latina: a onça-pintada. Ela, por sinal, é um animal em extinção, como seu parente próximo, o tigre.

Lucas não se conteve:

– Vamos à Amazônia? – pediu.

As meninas fizeram coro, como se fosse a coisa mais fácil do mundo, sair dali, do coração de Paris, para dar uma passadinha na floresta. Os adultos, porém, preferiam deixar a Amazônia para depois. Laura explicou:

– A floresta amazônica está perto do sítio, em comparação com o Everest e Paris, por exemplo. Vocês vão ter ainda oportunidade de ir lá, de carro ou de avião. Se Deus quiser, ela não vai acabar tão cedo. É melhor aproveitar a boa vontade do tio Felício para conhecer lugares distantes, como as tundras...

– Tundras? – estranhou Soninha.

– É como se chama a vegetação existente perto do teto do mundo, o Pólo Norte – explicou a mãe.

– Ôba! Vamos lá? – pediu Bruna.

Todos olharam para o professor, que sorriu para Lucas:

– Vamos. Mas, antes, podemos dar uma chegadinha no Amazonas. Temos ainda muito tempo, até o escurecer.

Foi a vez de Lucas rir, de orelha a orelha... Um sorriso amazônico!

A nave invisível pousou numa clareira, bem no meio da floresta, ao lado de uma aldeia indígena.

Mal a porta se abriu e todos puderam ver índios seminus correndo, em pânico, para longe da grande oca que dominava o centro da taba.

– Eles nos viram? – perguntou Soninha.

Ang parecia preocupada. Ela gesticulou com a cabeça, respondendo à menina:

– Não. Isso é impossível! Eles estão assustados com algo dentro daquela choupana.

Lucas disparou para lá, sem esperar pelos outros. Ang correu atrás e conseguiu segurar o menino, a poucos metros da oca.

– Espere aqui fora! – ordenou Ang. – Vou dar uma olhada.

Ela entrou na cabana. Segundos depois, reapareceu na porta. Ang era visível para Lucas e para todos os outros que também estavam invisíveis. A palidez dominava agora a tonalidade morena de sua bela face. Ela agarrou o braço de Lucas e praticamente o arrastou, correndo de volta para a nave.

– Vamos sair daqui. Essa taba está muito perigosa... E nada podemos fazer pelos índios – informou Ang ao professor.

Ele compreendeu. Gesticulou aos outros, para que se apressassem. Em pleno vôo, Ang contou:

– Dentro da cabana, vi estirados no chão três homens brancos. Pela aparência, eram garimpeiros. Eles devem ter sido capturados, ao se aproximarem da aldeia indígena. Um deles estava ferido por flecha. O ferimento, porém, não era seu maior problema. O corpo desse homem, do mesmo modo que o dos outros dois, estava coberto de manchas roxas. O sangue jorrava pelos poros. Os três agonizavam, quando cheguei. Neste momento, estarão mortos...

– Você tocou neles? – perguntou Ung, preocupado.

– Não. Logo que os vi, percebi que eram vítimas de algum vírus mortal – explicou Ang.

– Fez bem – aprovou Ung, explicando aos outros:

– Em algumas partes da floresta amazônica existem pelo menos 50 vírus mortais, ainda desconhecidos dos homens. Eles são uma espécie de defensores da selva.

O jornalista se lembrou:

– Um deles apareceu na Bolívia, não faz muito tempo. Matou muitas pessoas. Não me recordo do nome desse vírus...

– Não seria o Machupo? – ajudou Ang. – Esse vírus foi descoberto em 1994, após matar seis pessoas de uma mesma família, no Norte da Bolívia. Ele causa vômito, encefalite, hemorragia e coma. É transmitido pelas fezes e pela urina de ratos selvagens.

– É esse mesmo! E dizem que ele não é dos mais perigosos, entre os vírus das florestas – afirmou Daniel.

Ang acenou com a cabeça, concordando.

– O que fez mais vítimas, até agora, foi o HIV. Como vocês sabem, esse vírus é o causador da AIDS. Nos primeiros 15 anos, desde que começou a se espalhar pelo mundo, no final da década de 70, o HIV matou mais de 13 milhões de pessoas. Ele foi trazido por turistas que se aventuraram a penetrar naquelas selvas africanas. E continua se multiplicando...

Eng acrescentou:

– As florestas da África, as mais depredadas, começaram a se vingar primeiro da civilização. É de lá que saíram o Ebola, o Marburg e o Lassa. Ao invadir esses santuários, os homens atraem para si vírus que permaneceram na selva durante milhões de anos, sem fazer mal a seus hospedeiros, animais ou vegetais. Eles se tornam mortais, porém, quando se mudam para o corpo dos homens.

Ang teve um arrepio, ao se lembrar da cena que acabara de presenciar.

– Os homens – disse ela – chegam a chorar sangue, quando contaminados por alguns desses vírus. Eu vi isso, eu vi! Naquela cabana indígena!

Lucas estava agora muito preocupado.

– Então, quem sabe a gente também foi contaminado? – perguntou a Ang.

– Creio que não. Mas podemos reforçar nosso sistema imunológico...

Ela disse alguma coisa incompreensível e, em seguida, apanhou no ar uma caixinha, fornecida pelo computador de bordo. Ela continha comprimidos, que foram distribuídos por Ang para todos a bordo. Nem mesmo Soninha teve qualquer dificuldade para engolir a pílula.

CAPÍTULO XII

EM QUE SE PRODUZEM LEMINGUES COMO NUMA LINHA DE MONTAGEM PARA GARANTIR A VIDA NA TUNDRA.

Unf avisou que estavam chegando à tundra, e todos se prepararam para descer. Um pouco mais de meia hora de viagem, estavam pousados num ponto da tundra.

Durante boa parte do ano, o solo da tundra fica congelado, sob camada de mais de um metro de gelo. Mesmo assim, algumas plantas sobrevivem. Salgueiros-anões, bétulas, ervas e musgos, que se protegem contra o vento cortante, em pequenas reentrâncias da rocha ou sob a cobertura de gelo. Também animais conseguem sobreviver, até a volta do Sol. Durante dois ou três meses por ano, ele derrete o gelo. Ocorre, nesse intervalo, uma explosão de vida na tundra!

Foi numa época dessas que ali chegaram os visitantes do Periquito Banguelo.

Nesses dias de sol, as plantas produzem sem parar os açúcares que vão garantir a sobrevivência no longo e escuro inverno. Como o verão é curto, toda a vida na tundra se acelera. Milhões de moscas surgem como por encanto. As aves, que procuram os pântanos para construir seus ninhos, disputam o espaço com milhares de plantas aquáticas, crustáceos e peixes. Gansos e patos, tarambolas e maçaricos têm pressa em criar os filhotes, que alimentam incansavelmente, sob a luz contínua do Sol. Todos precisam voar para o Sul, antes da chegada do novo inverno.

– A vida na tundra depende muito deste animalzinho – disse o professor, apontando para um roedor minúsculo, em meio à relva.

Soninha pulou de alegria. Tão mimoso, o animalzinho dourado!

– Qual o nome dele? – perguntou a menina.

– O nome é meio esquisito – avisou o professor. – Lemingue.

– Ele é a vida da tundra – informou Ang. – O lemingue é grande reprodutor. Cada fêmea tem em média cinco ninhadas por ano, de até dez leminguinhos, cada. Com apenas três semanas de vida, as filhotinhas podem começar a ter filhos...

Eng deu sua contribuição ao conhecimento geral:

– Quando a neve cobre toda a paisagem da tundra, os lemingues cavam túneis e se alimentam com raízes e musgos. Desse modo, ganham novas forças para sua atividade preferida, a procriação.

– É por isso que, depois de uns três anos, eles são obrigados a migrar, aos milhares. Já devoraram toda a vegetação em volta – explicou Ang.

Enf revelou ter observado, há algum tempo, uma dessas migrações.

– Eles viajam assobiando baixinho, para não se perderem uns dos outros. Vencem qualquer barreira. Os rios são atravessados a nado. Os da frente são empurrados pelos de trás, para as águas geladas. Muitos morrem afogados, mas os que atingem a terra continuam avançando. Não param nem quando chegam ao mar, imaginando talvez que seja apenas mais um rio. Para a maioria, no entanto, esse é o ponto final: eles se afogam ou são devorados pelas gaivotas e pelos peixes marinhos.

Soninha se entristeceu com a saga dos lemingues. Ung não percebeu, e acrescentou:

– Na terra, os lemingues são também o prato predileto das corujas, das doninhas e das raposas.

– Eles são indispensáveis à vida na tundra – consolou Ang. – Quando emigram de uma região, todas as outras espécies ficam em apuros.

O professor Felício mudou de assunto.

– Os mais notáveis habitantes dessa região são os lobos e as renas selvagens – declarou ele.

Unf concordou com essa classificação. E informou:

– As renas costumam migrar para o Sul, depois do verão. Seus principais inimigos são os lobos, que também atacam o boi-almiscarado.

– Que bicho de nome esquisito! – exclamou Carol.

– O próprio bicho também é estranho – disse o professor, sorrindo. – O boi-almiscarado é animal grande e atarracado, com enorme cabeleira.

– Vamos procurar um? – pediu Soninha.

– Poderíamos tentar, mas é difícil encontrar esse animal – avisou o professor. – Seu número diminuiu muito, nos últimos anos, porque o boi-almiscarado é muito cobiado pelos caçadores. Hoje em dia, é animal em extinção. Portanto, está entre as espécies protegidas. Pela legislação, não pode ser caçado. Mas, numa região desolada como essa, quem garante que não continua sendo alvo das carabinas?

– No entanto – lembrou Ang – o grande perigo para a vida, aqui, não surge do cano da carabina. Vem do alto. Do buraco do ozônio na estratosfera.

– Que é isso? – exclamou Carol, olhando para cima.

– A camada de ozônio existente nas regiões elevadas da estratosfera é responsável pelo controle da radiação ultravioleta que atinge a Terra vinda do Sol – explicou Ang. – Ela serve para proteger os animais de doenças como o câncer de pele e vem sendo gradativamente destruída por um gás usado nas geladeiras, freezers e nos aparelhos

de ar condicionado. Quando escapa desses aparelhos e sobe para a estratosfera, esse gás destrói parte da atmosfera terrestre.

– E o estrago é maior aqui no Pólo Norte! – exclamou Laura.

Ela estremeceu, contemplando com pesar os animais a sua volta. Estavam todos ameaçados, só porque os homens queriam viver cada vez mais confortavelmente, com suas geladeiras e seu ar condicionado... O professor Felício advertiu:

– O buraco na estratosfera está se alargando. Existem buracos também no Pólo Sul. Daqui a pouco, eles poderão ser observados também no Sul do Brasil.

Daniel informou que alguns ecologistas se preocupam com essa possibilidade, mas eles não são levados a sério.

– Nossa, pai! A Terra está tão ameaçada... Será que ela vai acabar? – alarmou-se Carol.

– Calma, filha – tranquilizou Daniel. – Os homens ainda vão criar juízo, antes do Juízo Final.

A nave havia pousado numa região mais elevada da tundra e continuava invisível, como seus tripulantes e passageiros, para poderem observar melhor os animais. Cem metros abaixo, patos nadavam num lindo lago. As meninas pediram para brincar lá perto. Os pais deixaram. Depois de algum tempo, Vovó Donana disse:

– Fico pensando se os homens não terão, algum dia, de fazer como os lemingues. Quando não houver mais aonde ir, vão se afogar no mar...

– Realmente, isso é preocupante – concordou o genro. – A capacidade de reprodução dos homens é tão grande, que em pouco tempo ela supera a possibilidade de conseguir alimento. E começam a lutar. Isso acontece entre todas as espécies. Mas os homens, mais inteligentes, são mais competidores do que todas as outras.

– Li em algum lugar – disse Laura – que se os descendentes de um único casal de seres humanos se multiplicarem à taxa de 3,3 por cento ao ano, e se ninguém morrer a não ser por velhice, em apenas 1.600 anos eles vão ser equivalentes, em massa, à Terra inteira.

Daniel concordava em parte:

– É apenas uma hipótese. Muito antes de isso acontecer, milhões desses descendentes teriam sido massacrados nas guerras, lutando por espaço e alimentos. Temos, como exemplo, a Segunda Guerra Mundial. Ela foi começada pelos alemães, que lutavam pela conquista do espaço vital. No fim, 60 milhões de pessoas morreram.

– Parece que a fome e as guerras têm contido a população mundial num nível suportável. Mas, não haveria saída menos dolorosa? – voltou a perguntar vovó Donana.

– O caminho seria o da cooperação – disse Ang.

Unf acrescentou:

– Os homens enfrentam um problema: eles guardam rancor e procuram se vingar do vencedor. Nas outras espécies, a briga é por alimento, sexo e pela segurança dos filhotes.

– Os homens vêm em qualquer coisa um motivo de competição e, para piorar, a tecnologia pode multiplicar o poder de destruição da humanidade – completou Unf.

O professor disse que esse poder se manifesta, principalmente, com a poluição ambiental. E explicou:

– Há várias formas de se envenenar o meio ambiente. Com o lixo das usinas nucleares, das fábricas e automóveis. Ou com o bióxido de carbono, que resulta da queima do carvão e do óleo e que pode provocar o efeito estufa, devido ao aquecimento da superfície da Terra, facilitado pela perda da proteção da camada de ozônio.

Daniel pensou numa saída.

– Acho que podemos ter esperanças. Os homens vão compreender que devem cooperar.

Ang concordou, explicando que a civilização nasce desse impulso.

– É dividindo entre si os suprimentos e combinando os talentos na busca por alimentos adicionais que os homens conseguem, em longo prazo, evitar que todos morram de fome – disse ela.

– Gostaria que os homens cooperassem num ponto: o controle da expansão ilimitada dos seres humanos na Terra – suspirou vovó.

Laura e Daniel haviam planejado ter dois filhos, mas os métodos anticoncepcionais usados falharam. Houve um erro de cálculo na tabela, recomendada pela Igreja Católica, e Bruna nasceu. Uma cirurgia de ligadura de trompas foi mal feita e tiveram Soninha. Mesmo com certo sentimento de culpa, porque estavam contribuindo para a superpopulação, os pais ficaram felicíssimos. Agora, sem qualquer remorso, Laura podia filosofar a respeito:

– Acho que começa a se formar a consciência de que é preciso cooperar. Receio, porém, que ela esteja sendo inibida pelo espírito de competição, ainda dominante no mundo. O Brasil, por exemplo, não se empenha em controlar de fato a natalidade, porque dispõe de grande território ainda desocupado e quer aumentar a população, para se transformar numa nação importante. Até países com superpopulação, como o Japão, evitam o controle da natalidade, preferindo que o excesso emigre para outros países.

Na maior parte do tempo, enquanto conversavam, os adultos estavam de olho nas três meninas, que tinham resolvido se desfazer de seus colares. Não havia graça, brincar sem que os animais as vissem.

Os patos não se assustaram com o súbito aparecimento delas à beira do lago. Eles continuavam as tarefas costumeiras, pescando e arrumando as penas com os bicos.

As meninas corriam atrás dos pequenos lemingues dourados, que pareciam se divertir com a brincadeira. Eles disparavam na frente e, quando se sentiam em apuros, desapareciam num buraco da tundra, para reaparecer mais adiante e continuar a correria.

A cena era tão tranqüila, que os adultos, entretidos na conversa, foram rareando a vigilância sobre as crianças. Foi num desses momentos de distração, que majestoso alce se aproximou do lago. Ele observara as três meninas por algum tempo, à distância, e decidira que podia se aproximar sem risco, para matar a sede.

Quando as meninas viram o animal bebendo no lago, elas se lembraram logo dos inofensivos amigos do Papai Noel. Não tiveram nenhum medo, apesar das impressionantes gahadas na cabeça do alce. Elas foram chegando mais perto, para observar melhor.

De repente, o alce ergueu a cabeça, prestando atenção. Sua postura se transformou, súbito, numa posição de ataque. As meninas detiveram-se, assustadas, a poucos metros do animal.

CAPÍTULO XIII

NO QUAL OS CIENTISTAS ENFRENTAM FILOSOFICAMENTE A MORTE CERTOS DE QUE NO MUNDO NADA SE PERDE

O inimigo do alce não eram elas. Eram lobos! Eles corriam silenciosamente na tundra, em direção ao lago. Os lobos aproximavam-se rapidamente do alvo: o alce e as meninas!

Ang foi a primeira a perceber o perigo. Ela gritou para os companheiros, numa língua estranha, e saiu correndo. O professor disparou atrás de Ang. Enf e Ung sumiram dentro da nave.

Os outros três cientistas precipitaram-se também em direção ao lago, jogando fora seus colares da invisibilidade, numa tentativa de atrair para si a atenção dos lobos.

O alce havia se adiantado, para enfrentar os primeiros lobos. Com as patas dianteiras firmemente plantadas no solo, ele baixou a cabeça. Súbito, ergueu a galhada, lançando à distância o primeiro lobo. Outros, porém, saltaram sobre o imponente animal, esquecendo por instantes as meninas – figurinhas estáticas, olhos arregalados, espectadoras estarecidas da luta selvagem, a poucos metros de distância.

Um dos lobos abocanhou o pescoço do alce, enquanto outro era violentamente escoiceado, ao se aproximar por trás. Ele rolou na tundra e permaneceu inerte. O alce, num esforço tremendo, atingiu um inimigo com a ponta da galhada, rasgando o ventre do lobo. Mas, o que se agarrara ao pescoço, rompia agora, dentes como navalhas, uma artéria do alce. O sangue jorrou, cegando o lobo, que não largou a presa. Outros dez se jogaram sobre o alce, dominando-o.

Tudo durara poucos segundos.

Vencido o adversário mais forte, dois lobos se voltaram contra as meninas. Ang chegava. Ela saltou, pondo-se entre Carol e os animais. Os lobos não se intimidaram com a presença súbita da moça desarmada. Eles derrubaram Ang, com o impacto de seus corpos. Dentes rasgavam a delicada garganta, no instante mesmo em que o professor se lançava, desesperadamente, contra os animais. Nesse momento, com estrondo estarrecedor, surgiu sobre eles o disco-voador. Os lobos se imobilizaram, por um segundo... e dispararam em fuga. Deixavam para trás, mortos, três lobos, o alce e... Ang!

Não havia dúvidas sobre a morte da cientista. Metade da garganta estava exposta. Pele, artérias, veias e cartilagens tinham sido arrancadas pelos dentes afiados dos lobos.

Daniel, seguido de perto por Lucas, também sem o colar, se aproximou esbaforido. Depois de observar por um instante o corpo inerte de Ang, ele abraçou as filhas, extremamente pálido. O menino parecia em estado de choque, diante da amiga morta. A mãe havia se atrasado, na indecisão – se cuidava da mãe ou se tentava socorrer as filhas. Mas, agora, as duas se juntavam ao grupo, gritando:

– Vocês estão bem? Oh, meu Deus, estão bem?

– Estamos... – balbuciou Bruna. – Mas ela não! – gritou.

A menina apontava para o corpo inerte e ensangüentado de Ang.

– Ela nos salvou! Ela nos salvou! – chorava Carol, abraçada à irmã.

– Ela pulou na minha frente e me salvou! – repetia Bruna, em meio ao choro convulsivo.

Seu corpo tremia. A mãe abraçava as filhas e também começou a chorar.

– Não chorem – pediu o professor. – Não há motivo para isso...

Daniel não compreendeu.

– Não há motivo? A morte de Ang não é um motivo para chorarmos?

– Não, realmente não. Ela continua, pois apenas deixou de viver como um ser chamado Ang. Nossa querida amiga vai se transformar novamente em átomos e moléculas e se integrar à natureza, como no passado. E continuará viva em nossa memória, enquanto nós também não seguirmos seu destino – disse o cientista, calmamente.

Os outros cinco demonstravam o mesmo conformismo. Era claro que eles não encaravam a morte como a maioria dos homens. Cuidadosamente, levaram os restos de Ang até a nave. Os outros os acompanharam. Dentro, puseram o corpo num compartimento, aos cuidados do computador de bordo, e a porta se fechou. Momentos depois, ela foi reaberta. Não havia mais qualquer indício do corpo.

– Aonde foi ele? – perguntou Daniel.

– O corpo foi totalmente desintegrado. Seus átomos, neste momento, estão livres, buscando seu espaço no mundo, reintegrados à natureza – explicou o professor.

Tudo era tão natural, que praticamente não havia razão para tristeza. A curiosidade acerca desse procedimento dos cientistas – tão cuidadosos, que podiam sumir com alguém da equipe sem deixar qualquer rastro – superava qualquer outro sentimento.

– Vamos conservar Ang em nossa mente e em nosso coração – garantiu o professor. – Fora isso, ela é agora uma maravilhosa coleção de átomos. Principalmente hi-

drogênio e hélio. Juntos, eles formam 99,9 por cento dos átomos do universo. Ang é também oxigênio, carbono, nitrogênio, enxofre, cálcio... Neste momento, todos esses átomos já estão colidindo uns com os outros e formando moléculas de hidrogênio, de água, de amônia...

Laura estremeceu. Será que é só isso? E todos os anos de estudos e preocupações com a psicologia das pessoas? A morte era um dos temas que mais havia preocupado a humanidade. Muitos tentavam se consolar, ante a inevitabilidade da morte. Como Ésquilo, que escrevera: “Não diga que um homem está feliz, até que ele esteja morto”. Um pensamento trágico. Outro dizia que não se deve temer a morte, porque ela é a mais bela aventura da vida. Ou, ainda, que começamos a morrer logo que nascemos, e o fim está ligado ao começo. Para Shakespeare, morrer é dormir, nada mais. Livros religiosos avisam que, no meio da vida, estamos mortos. Como resolver tais paradoxos? Será que a verdade estava com os frios cientistas? Ela queria perguntar a eles, mas resolveu deixar para depois. O comportamento deles diante da morte parecia acalmar as crianças. Depois da cena traumática do ataque dos lobos, isso era o melhor que lhes podia acontecer.

O disco-voador estava a caminho do sítio.

Era noite, quando pousaram no Periquito Banguelo. Leão fez muita festa para todos. Tonho também apareceu, muito sorridente. Mas, desta vez, eles foram dormir mais cedo, sem ânimo para mais nada...

Afinal, acabavam de dar a volta ao mundo!

No dia seguinte, foi decretado feriado no Periquito Banguelo. Seus moradores queriam aproveitar a presença dos cientistas, que poderiam partir a qualquer momento.

Todos se reuniram na cozinha, para saborear os biscoitos da Vovó e o café quentinho, moído na hora. Ela torrava o café numa panela de ferro, uma vez por semana. Guardava os grãos perfumados e oleosos numa lata, para ir moendo aos poucos, na pequena máquina, movida a manivela. Donana aprendera com a mãe, e detestava o café em pó comprado nos supermercados.

– O outro não é tão gostoso! – retrucava, quando alguém lhe dizia que dava muito trabalho torrar e moer café.

Durante a noite, vovó passou parte do tempo pensando na tranqüilidade daqueles cientistas, diante da morte. Esse problema é dos mais importantes, quando as pessoas chegam a certa idade. Alguns jovens também se preocupam com a morte. Eles costumam se transformar radicalmente, quando escapam por um triz de morrer. Uma série de mesquinhas é abandonada. “A morte é sábia conselheira”, matutava vovó Donana. Na primeira oportunidade, ela perguntou ao professor:

– Por que vocês conseguem encarar a morte com tanta naturalidade?

Os meninos pararam de mastigar, interessados. Felício explicou:

– É porque acreditamos que nascimento e morte são a própria essência da vida, pois são partes da auto-organização e auto-renovação de todos os seres vivos...

Ele parou, observando os rostos intrigados de Tonho e dos meninos. Procurou explicar melhor, mas se enrolou. O professor, apesar da aparente tranquilidade com que encarava a morte de Ang, não estava em seus melhores dias. Inf tentou ajudar:

– Nós e tudo o que vive – o Leão, as formigas, os passarinhos – estamos nos renovando o tempo todo. Isso significa, também, que parte de nós está constantemente morrendo. Mas, para cada célula que morre, outra nasce. A morte não é, portanto, o oposto da vida. Ela é elemento da própria vida. Entenderam?

O professor Felício lembrou:

– No entanto, nem todos os organismos morrem. Os mais simples, feitos de uma única célula – como as bactérias e as amebas – reproduzem-se por divisão celular. Esses organismos continuam vivendo em suas filhas. Isso significa que não havia envelhecimento e morte, nos primeiros dois terços da história da evolução na Terra.

– Mas, também, não havia muita variedade. Não existia qualquer forma de vida superior – reparou Unf.

– A vida teve que inventar o sexo e a morte – citou Enf. – Sem sexo, não poderia haver variedade. Sem morte, não haveria individualidade.

CAPÍTULO XIV

NO QUAL SE ENCONTRA UM FINAL INFELIZ PARA A HISTÓRIA DE SUCESSO DO JECA TATU.

Daniel acrescentou:

– Os seres humanos fazem parte de sistemas maiores, que continuamente se renovam, de acordo com a Hipótese de Gaia. Alguns fenômenos só podem ser compreendidos se o planeta, como um todo, for considerado um único organismo vivo. Por exemplo, parece que a composição química do ar é regulada pela biosfera. Como vocês sabem, a Terra foi representada, na mitologia grega, como a deusa Gaia. É bem antiga, portanto, essa visão da Terra como ser vivo. Ela foi renovada pelos astronautas que foram à Lua. Vista pela primeira vez por inteiro, a Terra lhes pareceu, realmente, um ser vivo!

– Isso é tão poético! – exclamou Bruna.

Tonho estava boquiaberto. Ele não compreendia todas as palavras, mas captava o sentido. Pela primeira vez, teve enorme vontade de saber mais coisas sobre o mundo. Andando pelo mato com o pai ou com o avô, antes de ele morrer, Tonho procurava aprender o nome das árvores, dos córregos, dos animais e de outras coisas a seu redor. Naquela época, tudo parecia tão simples, tão fácil! Ele percebia agora, claramente, que era muito ignorante. Uma descoberta importante, pois quase sempre ela representa o primeiro passo no caminho da sabedoria.

Agora, ninguém mais estava preocupado com a pobre Ang. Todos deviam se preocupar, isso sim, com a própria Terra!

– Vocês acham que a vida na Terra está ameaçada? – perguntou Vovó Donana aos cientistas.

Ela pensava no futuro dos netos.

– A Terra vive hoje grandes problemas, originados do crescimento econômico – declarou Unf.

– Quais problemas? – provocou Lucas.

– Alguns deles podem ser sentidos no próprio ar que respiramos nas grandes cidades – resumiu o professor. – O homem criou, nos últimos anos, tecnologia que vem perturbando os processos ecológicos, que são a própria base da existência da vida na Terra.

Vovó Donana revelou, mais uma vez, a boa memória. Ela lia muito, e memorizava números, com os quais gostava de impressionar seus ouvintes. Foi ela quem informou:

– Os homens vêm armazenando resíduos tóxicos em mais de 50 mil locais, em toda a Terra. O mais grave é que, em menos de 7 por cento desses locais, o recolhimento é apropriado...

Bruna protestou:

– Mas, por que alguém não toma providências?

– É o velho problema de sempre, o poder econômico. A obsessão por lucros e “produtividade”. Os homens são os primeiros a sofrer. Eles estão ficando cada vez mais estressados. Poucos já compreenderam que o estresse vem do desequilíbrio – explicou Daniel, voltando ao seu tema predileto.

– Como podemos mudar essa situação? – perguntou Laura.

– É preciso descentralizar as populações, hoje concentradas nas cidades, e também as empresas. Desconcentrar a renda e o poder. É preciso também desenvolver tecnologias que preservem os recursos naturais.

Era desanimador, tantos os problemas! Não, porém, para a incuravelmente otimista vovó Donana.

– Muitos homens já sabem que tecnologia e sistema econômico consumidores de grandes recursos naturais não têm muito futuro.

Laura estava preocupada. As transformações exigem profunda mudança de valores, coisa muito difícil. Todos os países, principalmente os mais adiantados, vêm valorizando há tanto tempo a competição... Como fazer para que, em vez disso, passem a valorizar a cooperação e a justiça social?

Ela evitou expressar suas dúvidas, mas o professor pareceu adivinhar. Ele também não entrou em detalhes filosóficos, apenas comentou:

– Os homens devem se integrar harmoniosamente aos diversos sistemas auto-organizadores do planeta. Isso exige nova ética e novas formas de organização política.

O professor achou que os meninos não estavam compreendendo. Ele decidiu esclarecer melhor.

– Vamos mostrar um exemplo do que está ocorrendo na área da agricultura, aqui bem perto de vocês – anunciou o tio Felício, levantando-se.

– Oba! Vamos de disco-voador? – interessou-se Soninha, que havia se retirado da mesa e brincava com suas bonecas num canto da cozinha.

– Sim – disse o professor, começando a distribuição das pulseirinhas da invisibilidade.

Ele parou diante de Tonho e lhe ofereceu uma, sorridente. O rapaz coçou a carapinha, indeciso. Acabou aceitando. Lucas tinha contado tantas maravilhas da viagem no disco-voador!

Eles tinham pousado num campo totalmente arado. A terra nua perdia-se de vista. À distância, alguns tratores levantavam poeira, revolvendo o solo seco.

– Onde estamos? – perguntou Lucas.

– Num ponto de Minas Gerais – informou o professor. – Mais precisamente, numa parte do Padap – Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba. O programa começou na década de 70. Antes, neste terreno, havia extenso cerrado, com mais de 60 mil hectares. O dono era um velho milionário. Ele criava gado pé-duro, empregando meia dúzia de homens, para tomar conta. O governo desapropriou e trouxe japoneses, junto com a Cooperativa Agrícola de Cotia, para ensinar novas formas de plantio e de comercialização. Seria maravilhoso, se não houvesse um problema: essa região pode se transformar num deserto.

Contemplando aquela terra arada, não era difícil acreditar nessa previsão sombria. Felício continuou:

– Se não houver mudança de mentalidade, dentro de meio século isso aqui ficará igual aqueles solos devastados pelo cultivo intensivo e que foram tão bem descritos pelo escritor norte-americano John Steinbeck, em “As Vinhas da Ira”.

Os mineiros ficaram impressionados. Eles tinham ouvido tantos elogios ao projeto de seu governo! Daniel pediu mais explicações. O professor não se fez de rogado:

– Um dos problemas é o uso de máquinas pesadas, nesse solo pobre do cerrado. Elas estão compactando o solo. Além disso, os agricultores perturbam o equilíbrio natural, usando adubos e fertilizantes, na ilusão de que desse modo vão produzir mais.

– Não é de vera, então, que adubando a terra a gente colhe mais? – reparou Tonho, que acompanhava atentamente cada palavra.

– É verdade que em curto prazo a produção é maior – admitiu Ung. – Mas, com o tempo, é preciso ir aumentando a quantidade de fertilizantes, para compensar a perda de nutrientes naturais do solo.

– Esse não é problema só do Padap – continuou Ung. – A indústria petroquímica, em todo o mundo, levou os agricultores, agrônomos e técnicos agrícolas a acreditarem que o solo precisa de grande quantidade de agentes químicos, para continuar produtivo.

O professor observou:

– A maioria não percebeu ainda que esteja sendo enganada pela publicidade. Alguns mais espertos, no entanto, verificaram que a adubação atrapalha os ciclos ecológicos. Um solo fértil tem bilhões de organismos vivos, em cada palmo de terra. São bactérias, responsáveis, por exemplo, pela fixação do nitrogênio, para que as plantas possam absorver nutrientes. Até as ervas daninhas são úteis, nesse processo natural. Com suas raízes profundas, elas trazem minerais à superfície do solo, para serem usados pelas culturas de arroz, milho, feijão etc. As herbicidas interrompem esse processo.

– Também as minhocas são importantes – lembrou Unf. – Elas revolvem o solo. Todas essas atividades dependem umas das outras, são interdependentes. Mas, o uso de produtos químicos artificiais quebra a harmonia da natureza.

Tonho e os meninos estavam achando a explicação complicada. Mesmo assim, queriam compreender. Sentiam que os cientistas desejavam a sobrevivência da Terra e da humanidade. Lucas cutucava a terra, procurando, em vão, minhocas naquele solo árido.

– Antigamente – acrescentou Inf – a prática agrícola era diferente. Os agricultores alternavam as culturas, para evitar pragas. Não precisavam de pesticidas. Os insetos atraídos por uma cultura desapareciam na seguinte, porque o novo cardápio lhes parecia indigesto. Os agricultores adubavam o solo com estrume...

Tonho virou-se, admirado, para vovó Donana:

– Não é que a senhora estava certa, quando me mandava catar bosta de vaca no pasto, para espalhar no quintal?!

Vovó riu, e explicou:

– Quando nasci, era comum usar esterco de curral, e não essas porcarias produzidas pelas indústrias de fertilizantes. Os 900 milhões de indianos sabem por que a vaca é animal sagrado. Não é, como se diz no Ocidente, com ironia, porque elas fornecem leite aos brâmanes, a casta dos sacerdotes e eruditos. A verdadeira razão é esta: as vacas são uma fábrica ambulante e ecológica de adubo.

Laura perguntou ao professor Felício:

– O que fez os agricultores mudarem?

– A propaganda da indústria petroquímica, sobretudo. Ela foi reforçada, no começo, pelo aumento real da produtividade. Lembram-se da história do Jeca Tatu? Ele adotou a nova tecnologia de produção agrícola e prosperou. Controlando parasitas e pragas com produtos químicos, o Jeca pôde desenvolver sua cultura em campos imensos, gastando menos. Conheço, porém, um novo final para essa história. Com o tempo,

o Jeca precisou aumentar cada vez mais o consumo de fertilizantes e defensivos, para sustentar a produtividade das lavouras. E acabou morrendo de câncer...

Um final dramático para nosso pobre Jeca. Mas não é só, observou Unf.

– O novo estilo de lavoura gerou as grandes companhias agrícolas, que forçaram milhares de famílias a abandonar o campo, inchando as cidades. Hoje, metade da população da Terra mora nas cidades, que concentram todo tipo de problemas.

Tonho podia se lembrar de muitos companheiros que haviam abandonado a roça. Muitos moravam hoje em favelas, na cidade. Alguns voltavam de vez em quando, contando vantagens, que soavam como lorotas para os que, como ele, teimavam em ficar.

Daniel declarou que um dos problemas se origina no sistema de controle da produção no campo. Ele é dominado por investidores, que operam nas bolsas de mercado-ria. “Eles só querem saber de lucro, só se preocupam com o mercado”, criticou.

– É por isso que há no Brasil milhões de pessoas passando fome, enquanto milhares de hectares de terra são ocupados por lavoura de soja, para exportação... – disse Laura.

– É verdade – concordou Enf. – As novas tecnologias não conseguem resolver o problema da fome, por causa dos fatos apontados pelo professor. E, também, porque elas convivem com um sistema de desigualdades sociais. É por isso que, no Brasil, quanto mais alimentos se produz, mais o povo passa fome. Há também muito desperdício de alimento, para evitar a queda acentuada dos preços no mercado, devido ao excesso de oferta.

– Aqui mesmo, à nossa volta, tem muita gente passando fome – lamentou Tonho.

Pela primeira vez, ele se sentia revoltado com essa situação. Até agora, imaginara que a ordem natural das coisas, no melhor dos mundos possível, era ter gente passando fome. Laura declarou:

– A fome no mundo só vai acabar, se forem mudadas as relações sociais. Ou seja, se reduzirem as desigualdades, tanto entre pessoas, quanto entre países.

– É isso mesmo! – apoiou o professor Felício.

Daniel chutou um torrão. Nada disso era novo. Há algum tempo, deixara de acreditar que era possível ainda mudar a situação de seu país, agravada com a globalização da economia, quando se torna cada vez mais difícil responsabilizar alguém. A quem se deve processar, quando a taxa de juros aumenta e, com ela, a mortalidade infantil, principalmente nos países pobres do chamado Terceiro Mundo? No entanto, os cientistas pareciam confiantes no futuro da Terra. Eles não queriam interferir mas, de certo

modo, vinham plantando sementinhas na cabeça das crianças. Foi com um susto que ouviu o professor anunciar: estavam de partida para seu misterioso laboratório. Iriam logo após deixá-los no sítio.

Todos vinham se preparando, inconscientemente, para aquele momento. Apesar disso, ficaram muito tristes. Tio Felício tentou consolá-los, antes de deixar o sítio pela última vez.

– Qualquer dia desses estaremos de volta. Nós e nossos átomos...

As meninas enxugaram as lágrimas, com as costas das mãos. Nos olhos, um fio de esperança de vê-los inteirinhos de novo.

– Voltem mesmo! – pediu Soninha. – E não se esqueça da minha cartinha – implorou ela, abraçada ao professor.

Pouco depois, silencioso como naquela primeira noite, o disco-voador sumiu no céu.

CAPÍTULO XV

EM QUE O APARELHO DA INVISIBILIDADE SOME NAS MÃOS DO ANTIGO NAZISTA QUE SE TRANSFORMA EM FANTASMA

No sítio, os moradores contemplavam agora, desolados, os três profundos orifícios deixados na terra pelas hastes de sustentação da espaçonave. Todos se sentiam abandonados e sozinhos no mundo...

Muitos meses se passaram. Agora, naquela tarde ensolarada de sábado, Lucas observava, invisível, o trabalho das formigas. O garoto estava começando a achar o sítio monótono. Ele se lembrava com saudades dos tempos em que os cientistas estavam ali. Aqueles sim, eram bons tempos! A cada momento, uma novidade...

O aparelhinho da invisibilidade não era grande consolo. Depois de algum tempo, o menino começou a perceber suas limitações. Era difícil pregar peças em Tonho e nas irmãs, porque eles estavam acostumados. Ficar invisível não é garantia de passar despercebido. Um cheiro, um espirro, uma tosse, qualquer coisa pode revelar uma presença, principalmente para quem sabe que alguém pode ficar invisível. Há ainda os rastros deixados na poeira, no barro ou no gramado. Os cientistas usavam outros equipamentos, que eliminavam esses inconvenientes. Por exemplo, eles podiam levitar, para não deixar rastros.

O fenômeno da invisibilidade, pensava Lucas, não é muito diferente do que ocorreria, se as pessoas pudessem ler os pensamentos das outras. Com o tempo, todas saberiam como disfarçar ou ocultar seus verdadeiros pensamentos, do mesmo modo que fazem hoje, quando os exprimem por palavras.

Mesmo assim, Lucas continuava usando o aparelho, para se aproximar dos bichos do sítio. No começo, eles estranhavam, mas quando não viam nada diferente por perto, se acalmavam. É o que acontecia neste momento. Lucas estava deitado ao lado do formigueiro, e nenhuma formiga o picava.

O menino acabou se cansando e adormeceu, sob o sol morno da tarde.

O pai havia caminhado até o sítio vizinho, acompanhado de Tonho e Leão. A mãe e a avó faziam qualquer coisa na cozinha, preparando o jantar. As meninas brincavam na varanda. Lucas estava sob o Ipê Grande, seu lugar preferido no sítio. Depois de algum tempo, ainda dormindo, ele deixou o aparelhinho (que não estava no pulso, mas sobre o peito) cair no chão, ao se virar, e se tornou novamente visível.

Era a oportunidade que o coronel Hans esperava. Ele vinha espreitando o sítio, escondido atrás de uma moita, perto do Ipê Grande. Quando viu o menino dormindo e o aparelhinho a seu lado, não teve dúvidas. Passou por baixo do arame farpado da cerca e, pé ante pé, se aproximou do garoto.

O homem apanhou o aparelhinho, e imediatamente sumiu. Invisível, era fácil deixar o sítio, sem ser descoberto.

Dali a pouco, as formigas começaram a se sentir incomodadas por aquele menino, em seu formigueiro. Uma delas deu uma picada no braço de Lucas, que acordou. Ele procurou o aparelhinho e ficou aflito, quando compreendeu que havia sumido. Viu rastros de sapato, no formigueiro.

“Foi levado por um larápio”, concluiu o menino.

Neste momento, Daniel entrava pelo portão do sítio.

– Pai! Pai!– berrou o menino.

– Que foi? – gritou Daniel.

– Alguém roubou meu aparelhinho de ficar invisível! – explicou o menino, baixando a voz.

Leão farejava os rastros, ganindo de excitação.

– Vamos seguir o ladrão – decidiu o pai. – Luca, avise Laura e corra para nos alcançar. Tonho, venha comigo. Leão!

O cachorro passou por baixo do arame farpado, e disparou na frente, farejando. Os outros três corriam atrás.

Um quilômetro adiante, no meio do pasto, viram um homem assentado num cupim. Era o vaqueiro Bené, que trabalhava para o fazendeiro vizinho. Ele parecia assustado.

– Que foi, Bené? Viu alguma assombração? – perguntou Daniel.

– Pois não é que vi mesmo? – retrucou Bené, rindo aliviado, pois tinha alguém com quem desabafar.

Ele contou que estava campeando vaca, a cavalo, quando ouviu tosse e alguém resmungando alguma coisa, numa língua estranha. O cavalo empinou, corcoveou e cuspiu do arreio o vaqueiro atônito, antes de fugir em disparada, pasto afora.

– O pior foi o susto! – concluiu Bené. – O tombo mal doeu... Onde já se viu deparar com assombração, assim, à vera luz do sol?!

Tonho riu. Era engraçado como coisas completamente “naturais” se transformam em sobrenaturais, quando alguém desconhece as causas do fenômeno.

Os três deixaram o vaqueiro com seu estranho fantasma. Bem que gostariam, mas como revelar que era apenas um ladrão invisível?

– Agora sabemos quem é o ladrão – comentou Daniel, apressando os passos.

– Você acha que é um daqueles alemães lá do alto do morro, pai?

– Acho. Vamos precisar de ajuda, porque eles são perigosos. Vou telefonar para seu tio Homero. Ele sabe o que fazer, numa situação dessas.

Lucas se alegrou. Ele tinha a maior confiança no tio. Era seu herói preferido. Tio Homero era major-aviador. Ele havia deixado a Aeronáutica, para ser garimpeiro na Amazônia. Tinha vivido muitas aventuras e ficara rico. Morava agora num casarão antigo, em Belo Horizonte, inventando coisas. Lucas gostava de visitá-lo, para examinar a coleção de binóculos que podiam “ver” no escuro, aparelhos de escuta eletrônica e rifles com miras telescópicas, capazes de acertar alvo a um quilômetro de distância. E centenas de excitantes livros de aventura!

Como o major Homero era da família, não haveria problema em contar para ele a história dos cientistas. Uma hora depois, ele se encontrava na cozinha do sítio, todo equipado e planejando a excursão noturna à fortaleza dos alemães.

Eram nove da noite, quando a caminhonete do major Homero chegou à estrada de terra, que levava ao coronel Hans.

Os últimos mil metros, em meio ao arvoredo, seriam percorridos à pé. Tonho ficara no sítio, para proteger a retaguarda. Homero escondeu a caminhonete, em meio às árvores, e apanhou a mochila mais pesada. Lucas escolheu a mais leve, o pai ficou com a outra.

Depois de uns doze minutos de caminhada, eles atingiram um ponto de onde se podia ver o telhado de grande edificação, em estilo gótico alemão. Parecia um daqueles castelos das margens do Reno, que Lucas admirara em fotos, numa revista. Usando os binóculos, Homero constatou que havia um fosso em volta e ponte levadiça, diante do imponente portão de madeira e ferro. As paredes eram feitas de grandes blocos de granito.

Lucas pediu os binóculos ao tio, e também fez observações.

– Será que tem jacaré naquele fosso? – cochichou.

Homero abriu a mochila, e tirou de dentro um naco de carne. Jogou-o na água, como um soldado lançando granada contra a trincheira inimiga. Pelos binóculos, ele observou a água, que parecia ferver no ponto em que a carne havia caído.

– Piranhas! – murmurou.

– Vamos procurar a passagem secreta. Todo castelo alemão tem uma – garantiu o menino, voraz leitor de livros de aventura.

O tio acenou com a cabeça, concordando. Eles recuaram, quase se arrastando pelo capim, até ficarem ocultos pelas árvores. Cuidadosamente, foram circundando a edificação. Ela havia sido construída sobre rochas. Com os binóculos, Homero examinou cuidadosamente o paredão de pedras.

– Pode ser naquele local – disse ele, apontando para a moita de arbustos, numa reentrância da rocha.

Eles tiveram de escalar a pedra, usando cordas, como alpinistas. Valeu o esforço. Os arbustos ocultavam estreita fenda. Passaram por ela e se viram dentro de pequena gruta. As pedras das paredes, ao fundo, pareciam diferentes das outras em volta. Eram quase retangulares.

– Vi isso num filme – disse Lucas. – Deve existir ali uma porta disfarçada.

O tio abriu novamente a mochila e tirou um estetoscópio. Como um médico, ele começou a auscultar os blocos de pedra, batendo em cada um com pequeno martelo.

– Essa aqui está solta – anunciou.

Ele empurrou a pedra, fazendo força em pontos diferentes, mas nada aconteceu.

– O mecanismo da porta deve ser acionado por mais de uma pedra – explicou Lucas.

Entradas secretas eram com ele mesmo!

A outra pedra foi localizada pouco depois, pelo tio. Ele a empurrou com a mão esquerda, usando a direita para pressionar, simultaneamente, a primeira pedra.

Ouviu-se um rangido de ferro enferrujado e a porta de pedra começou a se abrir.

Todos passaram pela porta, apressadamente. Com a lanterna iluminando o caminho, eles seguiram pelo túnel estreito, escavado na rocha. Em certos pontos, havia degraus de pedras. O ar estava frio.

– Deve haver um respiradouro, em algum ponto desse túnel – comentou Daniel.

A passagem terminou abruptamente, num outro paredão de rochas retangulares.

Homero não se abateu. Ele tirou novamente da mochila seu estetoscópio, e logo depois havia identificado as duas pedras que abriam a porta. Estavam agora num amplo salão. As paredes eram também de pedras, mas estavam decoradas com vistosos tapetes e armaduras medievais.

Ninguém se preocupou em descobrir como fechar as portas secretas. Eles não planejavam usar novamente o túnel. Homero estava preparado para a ocasião. Ele reti-

rou da inesgotável mochila duas pistolas automáticas de 9 mm. Ofereceu uma delas ao irmão, que hesitou.

– Não sei atirar com isso – explicou Daniel.

– É só fazer de conta que sabe. Deixa o resto comigo – disse Homero.

Eles ficaram imóveis por uns segundos, escutando. O castelo estava silencioso. Ninguém parecia ter notado a invasão.

– Devem estar dormindo – cochichou o menino.

– Duvido – cochichou o tio. – Quem surriprou seu valioso brinquedo não pregou ainda o olho. Ele espera reação nossa. Provavelmente, está lá no alto, observando as redondezas.

Silenciosamente, eles subiram a escadaria, até o alto do castelo. Debaixo de uma porta maciça de madeira, via-se luz. Homero experimentou o trinco, com a arma pronta para atirar. Ele deu um tranco com o corpo, a porta se abriu, e o ex-major aviador jogou-se ao chão, as duas mãos segurando firmemente a arma.

– Parado aí, ou atiro! – berrou Homero.

O coronel Hans se imobilizou, com um olho ainda pregado em seu telescópio.

– Não atire, estou desarmado! – implorou ele.

– Vire-se devagar, com as mãos longe do corpo – comandou a voz forte de Homero.

O coronel levantou os braços, como nos velhos filmes de caubói. Daniel estava ao lado do irmão. O revólver apontado para o coronel, a mão trêmula.

– Cuidado com isso aí! – pediu Hans, apavorado.

– Pode baixar a arma – disse Homero, preocupado.

Daniel não despregava os olhos do alemão.

– Ok. Antes, passe pra cá o que nos furtou – disse ele ao alemão.

– Calma, eu entrego. Mas, pelo amor de Deus, abaixe esse troço!

Para alívio de todos, Daniel concordou.

Ainda sob a mira de Homero, o alemão começou a andar. Eles desceram alguns lances da escada. Hans parou diante de uma porta com vários ferrolhos, e disse:

– Eu entrego aquilo vieram buscar, se prometerem não revelar a ninguém o que descobrirem aqui dentro.

– Você não está em posição de impor condições, mas concordo – disse Daniel. – Só estamos interessados no brinquedo do Luca.

– Brinquedo, hein? – caçou o velho nazista.

Ele deu de ombros, e tirou do bolso um molho de pesadas chaves. Destrancou os ferrolhos um a um, sem pressa. Finalmente, puderam entrar no quarto do milionário.

Era quarto mobiliado modestamente. A maciça cama de madeira e a escrivaninha eram os únicos móveis. As paredes, porém, estavam revestidas por armários de madeira, inteiriços e semelhantes. O coronel dirigiu-se a um deles, com a chave na mão. Abriu. O armário estava completamente vazio. O velho apalpou num canto e apanhou o que procurava. Como por encanto, o coronel nazista desapareceu. Diante dos olhos dos invasores, apenas barras de ouro, empilhadinhas.

Homero estava preparado para essa situação. Ele deu um salto, com as mãos estendidas, e segurou firmemente um corpo invisível.

– Dê-me o aparelho! – comandou.

Hans obedeceu e foi a vez de Homero sumir.

– Deixa comigo, tio – pediu o menino, vestindo a luva.

Era a luva que ganhara do professor Felício. Homero entregou a ele o aparelho, e seu corpo forte voltou a dominar a paisagem.

Daniel olhava para a pilha de ouro. Sobre ela, pequenas caixas de veludo azul. “É ali que ele deve guardar os diamantes de Hitler”, pensou o jornalista. Hans tentava ler seus pensamentos, preocupado.

– Vocês prometeram que não contariam a ninguém o que vissem aqui – lembrou o alemão.

O jornalista concordou, pesaroso.

Sem mais palavra, o velho coronel voltou a trancar seu tesouro.

Momentos depois, os três invasores saíram pela porta levadiça, baixada pelo alemão.

Eles pararam uns cinqüenta metros adiante, para olhar para trás. O velho continuava em pé na porta. Acenaram em despedida para ele. Hans respondeu, abanando a mão.

Ficaram com pena.

– De que vale ser rico? – comentou Daniel.

– Esse é um caso em que a ambição, de fato, destrói quem a possui – murmurou o irmão.

Eles acabaram de fazer o trajeto até a caminhonete, em silêncio.

CAPÍTULO XVI

EM QUE O AUTOR SE CONVENCE DE QUE É IMPOSSÍVEL PUBLICAR A SUA MAIS IMPORTANTE EXPERIÊNCIA

Depois de sua aventura no castelo do coronel Hans, Lucas voltou a se interessar pela vida no sítio. O alemão ia lá de vez em quando, para conversar. Ele tinha muitas histórias interessantes. E partilhava, com a família Figueira de Campos, dona do Periquito Banguelo, dois segredos comuns: os cientistas visitantes e o tesouro de Hitler. O velho coronel tinha também outra obsessão. Ele pretendia convencer o jornalista de que nunca houvera, nos campos de concentração, câmaras de gás para eliminar prisioneiros judeus.

– Isso é coisa de norte-americano, para justificar a carnificina que fizeram na Alemanha, no fim da guerra. É uma forma de justificar também a bomba atômica que lançaram contra os japoneses – repetia Hans.

Daniel não acreditava nessa tentativa, compartilhada pelos revisionistas neonazistas, de livrar a cara dos alemães. Por outro lado, sabia que os vencedores quase sempre têm uma versão que costuma predominar nos livros de história, bem mais que os derrotados, quaisquer que sejam os episódios narrados. Para o jornalista, só havia uma certeza: não há guerra sem atrocidades, de ambos os lados.

Daniel Figueira de Campos havia escrito sua mais importante reportagem, contando o encontro com os cientistas, mas sem revelar o local. Ele tinha o hábito profissional de anotar conversas e situações. Fizera isso, quando ninguém estava por perto, durante toda a permanência deles no sítio. A narrativa era verídica. No entanto, todos os editores de jornais e revistas liam com incredulidade a reportagem e, em seguida, examinavam o autor. Daniel podia ler, nos olhos deles, que o tomavam por maluco.

Decidiu, então, seguir seu projeto original, escrevendo um livro. Daria o título de “Sagaetê”. E o assinaria com um pseudônimo, um nome bem comum, daqueles que passam despercebidos. Conformara-se em ver sua obra catalogada como produto de imaginação especulativa de alguém desimportante, não como narrativa fiel de suas experiências. Essas somente poderiam ser parcialmente comprovadas se pudesse exibir o aparelhinho da invisibilidade, mas isso estava fora de questão. A experiência vivida realmente fora vivida. Mas Daniel não tinha esperança de vencer qualquer discussão em torno dessa palavra “realmente”, no presente caso. De resto, vergava-se à pressão de incontornável realidade: a do ridículo que estigmatiza os que acreditam em discos-

voadores... mesmo os construídos por inofensivos homens de carne e osso. Mas, antes, queria ele mesmo fazer uma experiência com a capa, penetrando no Palácio do Governo... Mas sobre isso já se disse o bastante.

Era verão e todos passavam as férias no sítio, sem preocupações com dinheiro. O ouro doado pelos amigos extraterrestres levaria ainda muito tempo para acabar. Homero ajudara Daniel e Lucas a construir, no sítio, esconderijo seguro para o ouro e para o outro presente dos cientistas – o aparelhinho da invisibilidade. Vovó Donana quase nunca deixava o Periquito Banguelo, onde tinha a companhia de Leão e de Maria, moça nascida nas redondezas. Ela sabia cozinhar muito bem e caprichava na limpeza.

Tonho mudara-se para a cidade. Certo dia, depois de muito pensar, ele havia se dirigido à dona do sítio para comunicar sua decisão. Tinha preparado uma boa desculpa: “Não há futuro para a gente, na roça. É um paradeiro só! Não corre dinheiro, como na cidade”. Donana não queria perder tão bom ajudante. “Ora, Tonho! Se você não consegue pegar dinheiro aqui, onde tá tudo parado, imagina o que vai ser lá na cidade, onde o dinheiro corre!”, pilheriou. Ela acabou se conformando. Mas deu um conselho: “Não vá com a idéia de ganhar dinheiro fácil. Antes de mais nada, você precisa continuar os estudos”.

O major Homero, que ouvia essa conversa, sugeriu que Tonho morasse na sua casa. Quando não estivesse na escola ou estudando, poderia fazer trabalhos de jardineiro.

O rapaz logo se acostumou com a nova vida, apesar das saudades do sítio. Pela primeira vez, respondia a uma chamada, na escola, ouvindo seu verdadeiro nome: Antônio da Silva Cunha.

Vovó continuava recebendo a visita da família e de Tonho, nos fins de semana. Desde a partida dos cientistas, o sítio passara por muitas transformações. As árvores, despidas pelas ventanias de agosto, tinham renovado seu guarda-roupa. Na primavera, exibiam folhagem nova, mas por pouco tempo. Quando chegasse o verão, a brilhante folhagem estaria com aparência de roupa usada, pois poucas folhas escapariam de serem picotadas pelos gulosos insetos.

Lucas passara também por importante transformação. Ele havia namorado antes, mas pela primeira vez estava apaixonado. Por Bianca, filha graciosa do próspero dono de um sítio vizinho. Para se divertir, ele transformou-se no Fantasminha do Periquito Banguelo. Só desistiu da brincadeira depois que a menina, perseguida por aquela alma

penada, se revelou psicologicamente abalada. Arrependido, Lucas acabou revelando a Bianca seu mais bem guardado segredo. “Ela já é da família”, desculpou-se.

Os dois viviam agora momentos inesquecíveis, protagonizando o Casal Invisível.

Ao lado da parreira, atrás da varanda, havia um perfumado pé de manacá. O banquinho de madeira, à sua sombra, era o lugar preferido de Bianca e Lucas. Eles podiam ficar ali à vontade, ouvindo a conversa dos adultos, sem serem incomodados. Fugiam dos olhares de estranhos, compartilhando, com as mãos entrelaçadas, o conforto do aparelhinho da invisibilidade.

Foi naquela tarde que Lucas, pela primeira vez, beijou Bianca na boca. Os dois ficaram tão emocionados, que deixaram cair o aparelhinho, exatamente no momento em que toda a família comentava a beleza do pé de manacá, com suas minúsculas flores azuis e brancas. Aos olhos de todos, surgiram os namoradinhos! Gargalhada geral, quando eles perceberam finalmente que já não estavam invisíveis.

Jamais se viu, no Periquito Banguelo, casal tão visivelmente encabulado...